

## 50 anos no ar

A Rádio da Universidade celebra, no dia 18 deste mês, seu cinquentenário. Desde que estreou oficialmente em 1957, pela voz de Luiz Carlos Vergara Marques *(foto)*, a emissora pioneira das rádios universitárias mantém uma programação diferenciada, dedicando-se à difusão da produção intelectual e tecnológica da UFRGS e à divulgação da música erudita e da cultura. Seus estúdios também têm servido de espaço para a prática dos alunos do curso de Jornalismo. [Página central](#)

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



### ENSINO

## UFRGS lidera ranking da Pós-graduação

Com 16 programas nota 6 e 7, a Universidade atingiu a excelência na área da Pós-graduação, segundo avaliação da Capes para o triênio 2004-2006. O patamar alcançado contribuirá para que grupos de pesquisa obtenham financiamentos em nível nacional e internacional. [Página 7](#)

### PESQUISA

## Nobel de Física tem mão de gaúcho

O professor Mário Norberto Baibich, do Instituto de Física, fez o primeiro registro da magnetoresistência gigante, descoberta que rendeu o Nobel de Física a seus colegas Albert Fert e Peter Grünber. O físico diz que falta investimento em pesquisa científica para o desenvolvimento do país. [Página 11](#)

### VESTIBULAR

O professor Luís Augusto Fischer explica por que é preciso escrever bem para ingressar na Universidade. A redação configura-se como o primeiro texto dos futuros universitários. [Página 2](#)

### EXPANSÃO

Adesão da UFRGS ao programa Reuni deve gerar a criação de 21 novos cursos de graduação até 2011, além da contratação de professores e técnicos administrativos. [Página 3](#)

### FEIRA DO LIVRO

Diversão ou espaço de incentivo à leitura? Os professores Nair Tesser e Francisco Marshall analisam um dos mais importantes eventos culturais de Porto Alegre. [Página 4](#)

Pesquisa aponta os fatores que definem a pobreza na capital [Página 5](#)

ARMANDO GAULAND



**Mundo** Por que o Irã interessa às grandes potências [Página 10](#)

JP KRUIZE



**Cultura** Cinquentenário do Departamento de Arte Dramática [Página 13](#)

## Cartas



Recebi nosso jornal e amei! Parabéns a vocês e a todos nós que vivemos o dia-a-dia da grandiosa UFRGS. Nunca deixem de publicá-lo.

**Berenice Camargo**  
Assessora administrativa da  
Faculdade de Arquitetura

Olá pessoal! Sou aposentada da UFRGS e, desde 2001, estou morando em Florianópolis. Por isso é com muita alegria que recebo o Jornal da Universidade e, em setembro, eu o recebi mais bonito ainda. Adoro as reportagens, as novidades, os artigos etc. É uma maneira de “matar” as saudades do pessoal, afinal foram 30 anos de convivência. Parabéns a todos vocês pela qualidade das reportagens.

**Solange Maria G. Niederauer**  
Aposentada

## Memória da UFRGS



ACERVO MUSEU DA UFRGS

▶ **1959** O operador Manoel Torres de Almeida no antigo estúdio da Rádio da Universidade. Na época, a emissora cujo cinquentenário é tema da reportagem principal desta edição, funcionava oficialmente há dois anos.

## Espaço da Reitoria

## A excelência acadêmica da UFRGS

Quem teve a oportunidade de participar do XIX Salão de Iniciação Científica, ocorrido de 21 a 26 de outubro, notou uma grande faixa na entrada da reitoria onde se lia: “Pós-graduação da UFRGS no topo das Federais”. Assistia-se, naquela ocasião, um exemplo marcante da materialização da tão propalada, embora nem sempre realizada, indissociabilidade entre ensino de graduação e de pós-graduação, e destes com a pesquisa e a extensão.

Juntamente com o Salão realizou-se a XVI Feira de Iniciação Científica e o II Salão UFRGS Jovem. Ao todo, foram 2.899 trabalhos participantes e registrou-se o envolvimento de 6.402 apresentadores, visitantes e ouvintes. Assim, alunos de gradua-

ção, da UFRGS e de outras instituições do Rio Grande do Sul, tiveram a oportunidade de apresentar suas pesquisas, serem questionados e argüidos por professores e pesquisadores, a maior parte com vinculação a cursos de pós-graduação. Com isso, aprende-se desde cedo uma regra perene para aqueles que optarem pela vida acadêmica: a necessidade de se expor, de permitir-se criticar, a aprendizagem de ouvir críticas e recebê-las como estímulo a futuros trabalhos. Da mesma forma, a participação de alunos de ensino fundamental e médio, representando 18 escolas públicas e privadas com 147 trabalhos apresentados, mostra uma associação clara entre pesquisa e extensão, pois é a Universidade abrindo suas portas à

comunidade, incentivando estudantes para desde cedo se dedicarem às ciências, à arte, à investigação.

A bela faixa antes mencionada divulga a excelência da Pós-graduação na Universidade e está definitivamente entrelaçada com a qualidade dos trabalhos apresentados pelos estudantes. Na média aritmética das notas das avaliações da Capes, a UFRGS consagrou-se como a primeira entre as federais, seguida de perto por UFRJ e UFMG. Indiscutivelmente, é a primeira entre os 449 programas da Região Sul e entre os 215 do Rio Grande do Sul, com um percentual de 21,33% de seus programas com níveis 6 e 7, contrastando com a média da região (7%) e do estado (11%). Três cursos passaram ao conceito máximo 7, somando-se aos

três já existentes, índice invejável no contexto nacional. Outro fato digno de menção é a ascensão significativa da posição de vários cursos de ciências humanas e sociais, diversificando, em termos de áreas de conhecimento, a excelência da nossa pós-graduação.

O estágio atingido pela UFRGS tem se caracterizado por expressivos indicadores de qualidade nos mais distintos sistemas de avaliação. É fruto de um caminho que se iniciou no final do século XIX e vem sendo trilhado com responsabilidade e dedicação por sua comunidade acadêmica. É uma herança que fazemos questão de honrar.

**Pedro Cezar Dutra Fonseca**  
Vice-reitor e Pró-reitor  
de Coordenação Acadêmica

## Artigo

## Redação para além do Vestibular

Qual o valor de saber escrever? Difícil dizer. Quem sabe escrever e exerce essa habilidade fluentemente nem nota, mas quem não sabe sofre um medo pânico de ser por algum motivo obrigado a redigir um texto. Claro que há gradações entre esses dois pólos; a maioria certamente está em algum ponto entre os extremos.

Professores de língua materna sabem a enorme dificuldade de fazer escrever, particularmente numa cultura como a nossa, de país sem projeto sequer de médio prazo e, para piorar tudo, sem apreço pela cultura letrada mais exigente. Como fazer o aluno concreto, da sala de aula real, mobilizar-se para exercer sua autonomia por escrito se no Brasil, salvo uma exceção, nunca vale o escrito? Difícil, muito difícil. (A exceção é o jogo do bicho, conforme o dito popular.)

Uma fração importante desse problema vivemos diariamente na Universidade. Qualquer professor, de qualquer especialidade, sabe que os alunos têm dificuldades de expressar-se por escrito, porque constata a toda hora; quando o caso exige, são realmente poucos os alunos que conseguem sair-se bem. Não se trata de saber de quem é a culpa, no varejo: o caso é constatar o problema. E ocorre que uma parte das razões desse imenso problema radica em uma atividade que é ao mesmo vital para a Universidade e, lamentavelmente, quase invisível para os professores que nela atuam. Estamos falando do

Vestibular, precisamente da prova de Redação.

Em poucas e insuficientes palavras: a Redação que nós, Universidade, exigimos dos candidatos a ingresso é, para o bem e para o mal, uma espécie de regulação geral dos exercícios de redação que os alunos do Ensino Médio praticam, especialmente no último ano mas a rigor ao longo de todas as três séries médias. O que aqui solicitamos vira regra na vida de milhares de jovens Rio Grande do Sul afora, inclusive para muitos que jamais ingressarão em nossos cursos, se é que alguma vez chegarão a entrar para o nível superior de estudos, em qualquer instituição.

Daí a pergunta radical que devemos nos fazer, sobre a qual a Comissão Permanente de Seleção (Coperse) tem procurado meditar em muitas ocasiões: o modelo de redação que exigimos no nosso concurso vestibular corresponde ao que desejamos sinalizar como valor positivo em matéria de redação para os jovens? Haverá modelos mais eficientes a buscar? Que novidades podemos propor, de tal maneira que o concurso permaneça confiável como tem sido mas que ao mesmo tempo seja um fator de avan-



ço no tema?

Para refrescar a memória: a prova de redação retornou ao Vestibular em 1978, completando portanto redondos trinta anos no próximo concurso. Hora boa para rever as coisas, tendo em vista a dinâmica do nosso tempo, as exigências de nossa Universidade, as questões mais amplas da língua portuguesa e da cultura brasileira.

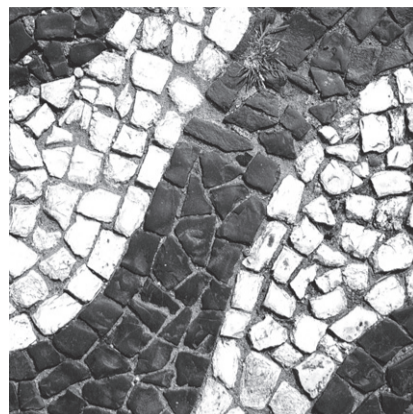
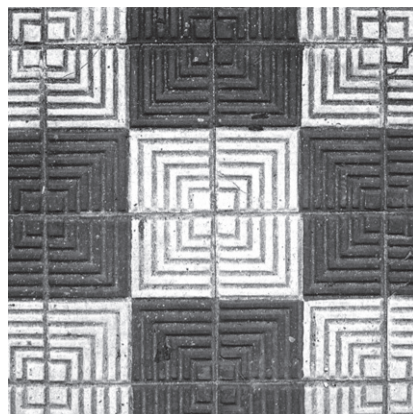
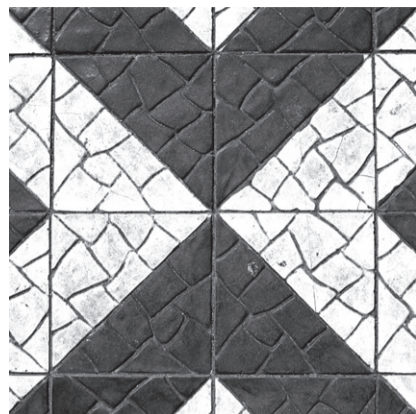
Foi para auxiliar nessa reflexão que a Coperse promoveu em 14 e 15 de setembro último o VI Seminário da Redação no Vestibular, que teve como título uma frase que é também um horizonte de trabalho para nós: “A redação no CV, apenas o primeiro texto do aluno

na Universidade”. Houve três atividades de grande interesse. Primeiro a conferência de abertura, proferida pelo professor Carlos Alberto Faraco, da UFPR, estudioso do tema e ele mesmo um dos responsáveis pela redação no vestibular de sua Universidade já há um bom tempo. Segundo, uma estimulante mesa-redonda de depoimentos, que contou com cinco professores da UFRGS, cada qual de uma área de atuação, todos relatando suas impressões sobre o estado da capacidade de redação dos alunos com que interagem. Foram eles: Maria Helena Weber, da Fábico; Lívio Amaral, da Física; Rosa Maria Bueno Fischer, da Educação; Carlos Mielitz, agrônomo com atuação na área de Economia; e Leandro Aliatti, da Economia. Por fim, uma rodada de debates com os participantes, o público-alvo do Seminário: professores de língua materna em escolas públicas e privadas da cidade e do estado.

O material vai ganhar a forma impressa, num caderno a ser lançado em janeiro próximo. Vaverá a pena prestar atenção a ele, para pensar o futuro de nossa prova de redação. E valerá a pena ler para contribuir na reflexão sobre o que estamos fazendo nesse metiê, nós que somos, coletivamente, esta instituição chamada Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tanto peso temos e muitas vezes tão pouco consideramos.

**Luís Augusto Fischer**  
Escritor e professor do Instituto de Letras

► Edição Ânia Chala (colaboraram Jacira Cabral da Silveira e Sandra Salgado) | Fone: 3308-3497 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)



FOTOS: AIRTON CATTANI

## Cidade & Arte Olhe por onde você anda

Descobrir as calçadas da cidade através de um olhar diferenciado é o que propõe a exposição fotográfica "Olhe por onde você anda: calçadas de Porto Alegre", em cartaz até 7 de dezembro na Galeria de Arte do DMAE.

A série de 16 fotografias mostra o resultado das andanças de Airton Cattani que, durante três anos, manteve o olhar atento à riqueza de formas, cores e texturas que compõem nossos passeios públicos.

Arquiteto e professor do curso de Design da UFRGS, o autor revela fragmentos do universo multifacetado das calçadas de Porto Alegre, ameaçadas de desaparecimento em função das transformações urbanas.

Durante a exposição, a Editora da UFRGS lançou um livro com mais de uma centena de fotografias de detalhes de calçadas, acompanhadas de textos de Airton Cattani e dos professores Armindo Trevisan e

Sandra Jatthy Pesavento. A obra pode ser encontrada nas Livrarias da UFRGS, localizadas nos campi Centro e do Vale. A exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, na rua 24 de outubro, 200, das 8h às 17h30min.

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



## Pesquisa Salão de Iniciação Científica

No final de outubro, ocorreu mais uma edição do Salão de Iniciação Científica da UFRGS. O evento, que tradicionalmente congrega bolsistas, professores e público interessado em conhecer as pesquisas desenvolvidas na Universidade, teve a apresentação de 2.899 trabalhos, com 327 destaques, um por sessão temática. Destes, 175 concorreram à segunda edição do Prêmio UFRGS Jovem Pesquisador, que contemplou oito estudantes com computadores e proféus.

Segundo dados da Pró-reitoria de Pesquisa, entre os dias 22 e 26 de outubro, passaram pelo Campus Central 7.588 pessoas, entre apresentadores de trabalhos, visitantes e ouvintes. As bancas e comissões julgadoras contaram com a colaboração de 981 especialistas.

Pela primeira vez, as cerimônias de abertura e encerramento do XIX Salão, da XVI Feira de Iniciação Científica e do II Salão UFRGS Jovem foram transmitidas em tempo real via Internet, através de um esforço conjunto das equipes da TV UFRGS e do Centro de Supercomputação (Cesup). A transmissão fez parte da qualificação do

Cesup para gravação, edição e disponibilização de audiovisuais, na implementação de projeto para apoiar necessidades de treinamento e capacitação presencial e a distância da UFRGS e do Sistema Nacional de Processamento de Alto Desempenho.

No encerramento do evento, o pró-reitor de Pesquisa, professor Cesar Augusto Zen Vasconcelos, enfatizou a importância do fazer científico e da busca do conhecimento. "O método na Ciência pressupõe a obtenção de uma coleção de dados por meio da observação, da experimentação e da formulação e teste de hipóteses, para que finalmente uma lei seja estabelecida. São aspectos básicos como estes que se aprende na iniciação científica." O professor destacou ainda que nas sociedades mais desenvolvidas, o conhecimento representa o componente mais importante de qualquer uma das atividades humanas. Por isso, os conhecimentos produzidos na Universidade nas atividades de iniciação são essenciais para colocar o país em posição privilegiada no contexto das nações mais desenvolvidas do planeta.

## Distinção UFRGS tem novos Professores Eméritos

Merion Campos Bordas e Donald Schüller receberam, em outubro, o maior reconhecimento da UFRGS: tornaram-se Professores Eméritos. Ao longo de sua trajetória acadêmica, a professora Merion, graduada em direito, filosofia e pedagogia, foi diretora da Faculdade de Educação, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação e membro da Câmara Especial de Pós-graduação e Pesquisa e do Conselho Estadual de Educação. O professor, escritor e tradutor Donald Schüller foi diretor do Instituto de Letras, consultor da Capes, CNPq e Fapergs e já recebeu prêmios e distinções, como a medalha Negrinho do Pastoreio e o título de Cidadão Honorífico de Porto Alegre.



FOTOS: CADINHO ANDRADE



## Cotas Nova fase na disputa por vagas no vestibular

No próximo vestibular, 34.999 candidatos estarão disputando as 4.312 vagas para os 69 cursos de graduação da UFRGS. Não há novidade quanto aos cursos mais procurados: Medicina, Direito e Psicologia. Mas a disputa adquire novas características uma vez que este será o primeiro exame com vagas diferenciadas para acesso universal, egressos de ensino público e para estudantes provenientes do ensino público e autodeclarados negros.

Tomando como base o curso de Direito, que há anos destaca-se pela alta procura, o Vestibular 2008 terá 48 candidatos concorrendo a cada uma das vagas universais, 11 disputando as vagas de ensino público e 11 para egressos de ensino público autodeclarados negros. Esta proporção se repete na maioria das demais graduações, sendo que, em alguns casos, os cotistas enfrentam menor disputa por vaga (veja a concorrência por curso no site [www.ufrgs.br/vestibular/cv2008/densidade\\_2008.htm](http://www.ufrgs.br/vestibular/cv2008/densidade_2008.htm)).

Segundo o edital, todo candidato estará concorrendo por acesso universal. Os habilitados no concurso vestibular, egressos do ensino público e optantes pelo sistema de reserva de vagas, que não forem classificados nas vagas de acesso universal, serão ordenados sequencialmente em ordem decrescente de concorrência em cada curso. No caso de não haver candidatos em condições de preencher as vagas para egressos do ensino público autodeclarados negros, estas serão preenchidas pelos optantes egressos do ensino público. Se ainda restarem vagas, as mesmas voltarão ao sistema de acesso universal.

## Fomento Editais Capes

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) informa que estão abertos os seguintes editais para financiamento de projetos: Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, Programa de Apoio a Projetos Institucionais com a Participação de Recém-Doutores; Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Engenharia; Programa de Formação de Recursos Humanos em Televisão Digital e Programa Leitorado. Os editais completos podem ser acessados no endereço [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)

## Expansão Universidade adere ao programa Reuni

O Conselho Universitário (Consun) aprovou, em 29 de outubro, a adesão da UFRGS ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Com a decisão, a Universidade credenciou-se para receber parte dos R\$ 2 bilhões que o governo federal irá destinar à expansão do ensino superior público a partir do próximo ano.

Segundo o plano aprovado, a UFRGS deverá lançar, até 2011, 21 novos cursos de graduação, sendo oito na modalidade de graduações tecnológicas. Em 2008, será realizado o vestibular para os cursos de Museologia, Fonoaudiologia e Enge-

nharia de Automação. Para 2009, está prevista a criação das graduações em Biotecnologia, Licenciatura em Dança, Fisioterapia, Turismo Sustentável e Engenharia Biomédica. Entre 2010 e 2011, devem estreiar os cursos de Serviço Social, História da Arte e Cultura, Projetos Sociais (bacharelado), Segurança Cidadã (bacharelado) e Engenharia de Recursos Hídricos.

Para atender ao aumento do número de cursos, também está sendo solicitada a contratação, através de concurso público, de 410 professores e 450 técnicos administrativos.

Conforme o reitor, José Carlos Ferraz Hennemann, o projeto da UFRGS

estipula a elevação do índice de titulação de 66% para 80%, meta que deverá ser atingida até 2012. "O índice de 90%, proposto pelo MEC é muito difícil de ser alcançado por instituições com um leque tão variado de cursos de graduação. Para chegar aos 80% que estamos propondo, a UFRGS deverá investir em programas de acompanhamento aos estudantes", ressaltou o dirigente. Hennemann também destacou que o programa é a oportunidade que as universidades federais esperavam, pois "o Reuni garantirá a retomada do crescimento com autonomia, uma vez que cada instituição está elaborando sua própria proposta".

**50 anos**  
RÁDIO AM 1080

**18 de novembro 2007**

Rádio da Universidade: **50 anos**  
fazendo história com cultura e informação

[www.ufrgs.br/radio](http://www.ufrgs.br/radio)

ARTE: DANUZA ALMEIDA



ILUSTRAÇÃO: HAMILTON NASCIMENTO/NIQ

# Feira do Livro

HÁ 53 ANOS, A CAPITAL gaúcha sedia um dos mais importantes eventos literários do país. Porém, a profusão de atividades paralelas, a lista infidável de lançamentos e o burburinho do público têm espantado aqueles que preferem descobrir novos livros em ambientes mais tranquilos. Afinal, a Feira é mais espetáculo do que um espaço para transmitir o gosto pela leitura? Para tentar responder à questão, convidamos dois frequentadores para refletir sobre a Feira do Livro e seus significados.



## Passar entre livros não é promovê-los

Nair Tesser\*

Ambigüidade expressa na pergunta e seu pressuposto é um indicador evidente de que o rumo trilhado está merecendo uma reflexão: a Feira promove verdadeiramente o livro e sua leitura?

Passar entre livros sem ao menos tocá-los não é promovê-los. Promover o livro é percebê-lo, usufruí-lo. É sentir um enorme e gostoso prazer em acariciá-lo, andar com ele, deitar com ele, buscando descobrir seus encantos. É um ato de rara e delicada sensualidade. Ao lê-lo, não só observo seu conteúdo como cruzo sua história com a minha, alimentando, assim, minha identidade. O livro não pode ser comparado a qualquer objeto de consumo, pois em suas páginas palpita a vida em todas as dimensões.

Portanto, não pode sofrer reducionismos. E usá-lo como veículo para o mercado é reduzi-lo a mais ínfima de suas possibilidades. Se dependesse disso, as grandes obras teriam desaparecido e, milagre dos milagres, elas continuam entre nós, apesar de não estarem na lista dos mais vendidos.

Se a propaganda é a alma do negócio, a alma

do livro não está nela. Sua propaganda é só uma: seu conteúdo. O livro sobrevive à propaganda cuja natureza, queiramos ou não, é perversa, pois devora o objeto que promove. Se assim não fosse, como subsistiria? Se livreiros e distribuidores querem ter mais lucros, e é justo que o queiram, devem investir em recursos humanos que leiam e reconheçam no livro importância e valor. A carência de leitores foi destituindo as livrarias de sua verdadeira essência: um lugar de encontro para falar de cultura, escritores, suas histórias, seus livros, e sair delas querendo voltar.

Que somente Buenos Aires possa bancar uma Ateneu parece-me por demais fenomenológico, ou se não o for, o que nos falta para termos boas livrarias? Leitores, em primeiro lugar. E não os teremos se a juventude não ler, ou somente ficar nos escritores promovidos pela mídia ou nos mais vendidos.

*Se a propaganda é a alma do negócio, a alma do livro não está nela*

Há uma diferença sensível entre ler na telinha e ler no livro; na telinha, há fragmentação e anulação temporal o que dificilmente propicia ao leitor uma síntese; no livro, tem-se um objeto único com suas fronteiras, cheiro, cor, representando um mundo, cuja existência resulta de uma síntese da realidade e cujo autor expressa sua história, tem referências identificáveis onde podemos navegar acrescentando nossa interpretação.

A robotização serve para muitas coisas, mas certamente não contribui para a humanização do homem. Vivemos um momento de graves inversões: quem é inteligente é o elevador, quem ama é o robô, quem sente ternura é o ET, quer dizer, os objetos e extraterrestres estão ficando humanos e os homens estão perdendo a humanidade.

Ao priorizar esses rituais tecnológicos, nega-se à juventude a aventura de descobrir

sua individualidade e afirmar sua identidade. É isso que fazemos quando justificamos com tanta ênfase a relação quase absoluta entre os jovens e os recursos tecnológicos. Elogiamos seu desempenho precoce com os computadores e sua agilidade com os controles remotos como um grande avanço da nova geração e uma garantia para ter sucesso no mundo do futuro.

Contestar esse pressuposto é negar-se a aceitá-lo como um resultado dado, uma consequência do progresso; é opor-se à mudança, ao novo, ao moderno. Contudo, se indagarmos o que é moderno, dificilmente alguém saberá defini-lo. Mas afinal quem é esse Senhor e qual o seu sobrenome?

Perguntar, pois, se a Feira é um local para passar ou comprar livros é duvidar que ela esteja cumprindo seu verdadeiro papel. Contudo, os rituais que promovem o livro podem contemplar o passar entre eles, desde que os toquemos seja para desejá-los, seja para comprá-los e lê-los.

\* Professora do Instituto de Letras da UFRGS

## Uma Ágora na cidade dos livros

Francisco Marshall\*

Naquele tempo, o viandante que se esgueirasse pela Feira do Livro, costurando o corpo entre as centenas, espremendo a vista e os dedos pelas lombadas e ofertas, enfrentando a chuva de calcanhares e de flores de jacarandá entre poças e pedras, seria afinal premiado ao chegar ao miolo da feira, onde encontraria um boteco meio fuleiro, mesinhas vermelhas, aquelas cervejas que pareciam boas, os ares da praça e a graça das gentes entregues às páginas e autógrafos de Gambirinus. O olhar, então, procurava caras amigas, com boa chance de sucesso, e se iniciava um dos melhores passatempos literários, em torno de argumentos e copos, muitas páginas pela frente. Não havia como não olhar e ficar: o boteco era epicentro da feira. Depois, foi sendo exilado e virou ruela colateral, balcão de gorduras, deu prá ele. Um mau destino. Merceria, antes, ter recebido lambris na parede, mesas com toalha branca, um piano, obras de arte, garçons uruguaios e uma charutaria com um bom *pub bar*. Um lugar feito para se ler James Joyce, Josué Guimarães ou se folhear um livrão velho de poesia ou de história da arte. Esta seria a evolução de um bar

da feira do livro, estética: um outro caminho do livro, com cenário e conteúdos afins.

Hoje não se vê mais o bar no centro da feira. Há por ali quiosques de empresas, no estilo Expointer, o pavilhão de autógrafos, e certo vazio na alma sócio-etílica da cidade. Se um dia me sobram uns trocados, vou lá montar um *Irish pub* em que se possa receber Byron, Baudelaire, Borges e outros "bês" bons, decentemente. Sem o bar, vai-se à feira e aos livros, vê-se muita novidade e compram-se algumas (com descontos de 20% – rogo que ninguém aceite jamais o desconto de 10%, é uma afronta!). Sem o bar, vai-se à feira, mas as gentes permanecem menos. Um recanto amigo ajuda o vivente a descansar um pouco, saborear suas aquisições, exibir aos amigos os achados e pechinchas e, restauradas as forças, partir para novas conquistas. Ou seja, este serviço incrementa o desempenho econômico da feira, razão que me leva a pleitear

*Por excelência, a Feira do Livro ainda é o lugar de encontro de uma comunidade de leitores*

ar um subsídio à Câmara Rio-grandense do Livro para instalação de um bar cultural no centro da Feira, por razões estratégicas e de benefício público. Rogo ainda a você, caro(a) leitor(a), que se agregue a esta nobre causa e venha brindar conosco ao final da campanha.

Há, também, o efeito de uma ágora, o lugar de encontro de uma comunidade de leitores. Este efeito a Feira do Livro ainda tem, por excelência. É a melhor ágora de Porto Alegre, senão a única; o próprio livro é a grande ágora transhistórica e heterotópica de muitos leitores. Ágora, para os gregos (e os atenienses em particular), era local de encontro, lazer e negócios. Não era centro sagrado, como a acrópole cheia de templos, nem local de decisão política, como a assembléia. Na ágora de Atenas, estavam galerias, clubes, negócios e amenidades que facilitavam o convívio. Havia alguns prédios públicos no mesmo quarteirão,

conectando a vida administrativa com o local destinado a passeio, presenças e trocas variadas. O fórum dos romanos é uma tradução razoável. Sem a ágora, o teatro, a assembléia e os templos se tornariam algo similar a nossas urnas eleitorais hoje, locais de solidão e de utilidade duvidosa. Se por razão congênita ou freudiana sentimos (?) nostalgia do útero, na cidade e na democracia sentimos falta da ágora, e sucumbimos à fragmentação dos tempos. Outra boa razão para defendermos uma ágora na cidade dos livros, necessária.

É certo que a feira cresceu muito, nos últimos anos, na qualidade e quantidade da programação. Estes eventos, todavia, são instituições, têm pauta determinada e hora marcada para começar e terminar, algo muito diferente do gregarismo litero-botequista, de natureza anárquica e de nobilíssima autonomia. Viremos, pois, esta página, e retomemos as caligrafias de outrora, com os favores de Dionísio e de Apolo.

\* Professor do departamento de História e dos programas de Pós-graduação em História e Artes Visuais da UFRGS



FLAVIO DUINA/PROJETO CONTATO

# Pobreza

## é mais do que falta de renda

### Economia

*Pesquisa aponta que educação, saúde, habitação e trabalho também contam na hora de definir quem é pobre em Porto Alegre*

Jacira Cabral da Silveira

Ser pobre não é apenas não ter renda, mas também não estar capacitado para manter-se e melhorar de vida. Esta é a idéia básica de estudos que reúnem conceitos não tradicionais, na tentativa de superar a condição de pobreza de determinadas comunidades, a partir do desenvolvimento de políticas públicas que

possam atuar diretamente sobre os problemas geradores de carência.

Porto Alegre já tem uma pesquisa assim. Durante este ano, pesquisadores coordenados pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, em parceria com o PPG de Economia da PUCRS e a Secretaria de Coordenação Política e Governança Local de Porto Alegre, realizaram investigação sobre pobreza multidimensional. Os dados da pesquisa mostraram que a pobreza da capital gaúcha é caracterizada prioritariamente por problemas nos setores de educação, saúde, habitação, trabalho e renda.

O estudo mapeou as 17 regiões do Orçamento Participativo, identificando as quatro dimensões de pobreza mais significativas. Constatou-se que, destas, a carência em educação está presente na maior parte das regiões investigadas. Conforme o professor Sabino Porto Júnior, do PPG de Economia da UFRGS e um dos coordenadores da investigação, o sentimento comum nas 80 comunidades pesquisadas é

de que a educação é muito importante para que as pessoas saiam da linha de pobreza. A demanda por creches também é sentida: “Apenas 40% das crianças estão em creches”, destaca.

A pesquisa também revela que a Restinga é a localidade que reúne os maiores índices de pobreza quanto à saúde e à renda. Na sequência, vem o Eixo Baltazar, classificado em primeiro lugar quanto à carência de habitação e, a Vila Cruzeiro, no item educação. “A pesquisa permite olharmos para o que é problemático em cada aspecto da pobreza”, comenta Sabino. Neste sentido, ele afirma que o desenvolvimento de políticas públicas não deve se restringir ao aspecto renda ou a uma única dimensão de pobreza na hora de encerrar os problemas: “Assim não estaremos captando a real pobreza de Porto Alegre”, adverte.

**Pobreza extrema** – Segundo a coordenadora do PPG de Economia da PUCRS, Izete Pengo Bagolin, a pesquisa também abordou a pobreza extrema, demanda da rede URB-AL,

programa internacional financiador do estudo e que tem por objetivo a cooperação e troca de experiências de políticas urbanas entre cidades latino-americanas e da União Européia. Izete, doutora em Economia pela UFRGS, comenta que 34% do universo de pesquisados – cerca de 18 mil indivíduos – foram considerados extremamente pobres.

De acordo com a economista, embora este dado não corresponda à abordagem das capacitações, que fundamenta o estudo, as perguntas do questionário aplicado foram elaboradas com uma visão multidimensional de pobreza, permitindo um resultado mais próximo a essa percepção mais ampla. Izete participou das pesquisas de campo e pode observar de perto, tanto a ação dos pesquisadores quanto a reação de alguns entrevistados. Entre todas as questões constantes no questionário, a resposta a uma delas despertou especial interesse da economista pela sua dureza: “O que você considera uma pessoa miserável?”, perguntam. “Não ter com quem contar”, responde a grande maioria.

### Políticas de assistência não resolvem

Em agosto deste ano, jornais de Brasília traziam como manchete a redução da pobreza extrema no país: “Brasil diminui em 52% número de pessoas que recebem até US\$ 1 por dia e cumpre 10 anos antes do prazo o primeiro Objetivo do Milênio”. Considerando a abordagem das pesquisas sobre pobreza realizadas no país, restrita à renda, o professor Sabino Porto Júnior, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, questiona tais resultados por não retratarem esse fenômeno social em sua dimensão mais ampla.

“No Brasil erramos sistematicamente nas políticas de combate à pobreza porque partem de estudos concentrados na renda.” Para o pesquisador, uma vez que tais investigações não detectam os diferentes aspectos que geram pobreza, acabam por acarretar o desenvolvimento de políticas assistencialistas, que “prendem as pessoas à linha de miséria e não atacam a real condição de pobreza”. Nesse sentido, ele critica o bolsa família do governo Lula: “Transferir R\$ 50 não capacita ninguém. Ao universalizar a ação, posso não estar atingindo a população que realmente precisa”.

Para Volnei Picolotto, aluno de mestrado em economia e também vinculado ao estudo: “A pesquisa que concluímos é diferente das outras já desenvolvidas no Brasil. Utilizamos a abordagem das capacitações, que é uma visão mais ampla sobre a pobreza e que já vem sendo aplicada na Europa”. Tal enfoque foi desenvolvido pelo economista indiano e prêmio Nobel de Economia, Amartya Sen. A abordagem do teórico fortaleceu os aspectos microeconômicos da pobreza, como a vulnerabilidade social e a pequena participação na política por parte da camada menos favorecida da população. Atualmente, encontram-se bem definidas na literatura as diferenças conceituais entre a pobreza monetária (de consumo), relacionada à insuficiência de renda, e a pobreza humana, mais complexa, ligada às capacidades.

## Cézar Busatto Políticas públicas mais transversais

Cézar Busatto (PPS), secretário de Coordenação Política e Governança Local de Porto Alegre avalia os resultados da pesquisa e reconhece que não existe uma política permanente de capacitação das pessoas para que elas possam desenvolver seus próprios projetos de vida e os da coletividade. Entretanto, entusiasta do conceito multidimensional de pobreza para estabelecer metas, Busatto acredita que: “É provável que os próximos governos não joguem fora o que estamos fazendo, assim como nós não jogamos o que outros fizeram”.

**Jornal da Universidade** – Qual a importância da pesquisa?

**Busatto** – Essa pesquisa é matéria-prima fundamental para a realização de políticas públicas mais territorializadas e transversalizadas para combater a pobreza. Não é um trabalho fácil, é o exercício diário de enfrentamento de uma cultura setorial antiga, absolutamente fragmentada que não dialoga com as outras dimensões, e que acaba gerando

um resultado insustentável. Ao apresentarmos o resultado da pesquisa aos comitês gestores das 17 regiões do Orçamento Participativo queremos que eles comecem a usar tais dados para conferir se as políticas estão bem focadas e que correções e ênfases teremos que fazer.

**JU** – Qual a repercussão dos pesquisadores terem sido membros das comunidades estudadas?

**Busatto** – Os 50 pesquisadores que participaram do processo começaram a reagir de forma inovadora diante o que descobriram. Eles ficaram surpresos com o que viram, pois não conheciam a dimensão do ser pobre. Primeiro, percebemos que eles sentiram-se mais conhecedores da própria realidade. Segundo, isso despertou neles um sentimento de



MARCOS EIFLER

responsabilidade pelo processo. Não ficaram apenas preocupados em constatar os problemas, mas em como enfrentá-los.

**JU** – O professor Sabino Porto Júnior, um dos coordenadores da pesquisa, diz que não basta verba para desenvolver políticas públicas, é necessário acompanhamento.

**Busatto** – A única forma de garantir sustentabilidade e o envolvimento cada vez maior das pessoas é fazendo as próprias comunidades sentirem-se protagonistas. E essa garantia não vem através de uma política que se extingue a cada período governamental. Por que o orçamento participativo se manteve? Na minha opinião, não foi pela boa vontade do governo Fogaça, mas porque percebemos que o OP era muito mais do que um projeto de um go-

verno. Ele se transformou numa forma da comunidade lutar por seus interesses, sentindo-se protagonista do processo.

**JU** – Como garantir que outros governos assumam os resultados desta pesquisa como compromisso de suas gestões?

**Busatto** – Esse esforço que estamos fazendo é um desdobramento do que já vinha sendo feito. Se examinarmos os quatro congressos de avaliação da cidade realizados a cada três anos, podemos perceber que eles já sinalizavam para o Observatório da Cidade que implantamos. Ou seja, procuramos atender à demanda social por indicadores de avaliação e monitoramento das políticas públicas. Mas ressaltado que, se há um envolvimento profundo das comunidades, e aí me refiro também ao comprometimento da Câmara de Vereadores, esse engajamento acaba sinalizando aos governos quais são as ações importantes para a comunidade e que devem ser mantidas.



# Pesquisar dói relatar também

**Realidade**  
Jornalista  
colaborador do  
JU transforma  
pesquisas com  
crianças de rua  
em narrativas  
fissionais

Caroline da Silva

Para a Universidade, importa o centro de pesquisa. Nas histórias de “Crianças do Asfalto”, em primeiro plano vem a vida de cada um dos pesquisados. A realidade é matéria-prima do livro, mas também o resultado, por mais ficcionalizada que seja.

Marcelo Spalding, então acadêmico de Jornalismo, cursava a disciplina eletiva de Psicologia Geral na UFRGS. O estudante fazia – e ainda faz – páginas de internet. Conhecendo os professores do Instituto de Psicologia, criou o site do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-Rua). Mas aquele não era um webdesigner comum, Marcelo lia os artigos e teses científicas que colocava no ar. Num dia escreveu: “- Você não acha que está grande demais para brincar de bonecas, menina?”. A frase é do texto “A menina e o lobo”, em que o escritor descreve o abuso sexual de uma enteada pelo padrasto. A história foi livremente inspirada em *Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*, dissertação de mestrado de Martha Giudice Narvaz desenvolvida no âmbito do CEP-Rua e defendida em fevereiro de 2005. Terminado o texto, enviou para Sílvia Koller, coordenadora do Centro de Pesquisa: “Eu fiquei apaixonada; então ele disse que tinha um projeto de escrever um livro baseado nas pesquisas”.

A professora do Instituto de Psicologia conta que a iniciativa foi de Marcelo e que todos os méritos são seus. “Ele teve a sensibilidade de capturar nas teses acadêmicas falas dessas pessoas ou dados que pudessem gerar uma história ficcional. E conseguiu reproduzir narrativas que são muito próximas da realidade”. A pesquisadora explica que os integrantes do CEP-RUA trabalham com eventos de risco: abuso sexual, crianças na rua, drogas, mães que têm que denunciar os próprios maridos por conta dos abusos, da violência física... Sílvia enaltece a capacidade de um profissional que não é da área se interar da situação somente lendo os trabalhos científicos.

**Histórias de rua** – O jornalista leu as pesquisas, conversou com alguns pesquisadores, mas não teve acesso aos materiais, entrevistas e diários de campo. Pela questão ética, ele só tomou conhecimento das informações científicas, não conheceu nenhum dos entrevistados participantes, nem acompanhou nenhum trabalho de campo. A partir de uma fala transcrita num estudo qualitativo – no qual são feitas análises de conteúdo das entrevistas –, nasce o diálogo e por consequência a narrativa. “Graças a seu ta-



BETE ROCHA/PROJETO CONVATO

“Faz de conta que é sempre assim”: a brincadeira entre crianças de rua é um dos temas retratados

lento, a história que ele produz não é necessariamente a história do caso, mas muito próxima dele”, afirma Sílvia. Na opinião da professora, o autor conseguiu espelhar a realidade que a pesquisa contemplou. “Uma tese não tem o caso da Maria ou o caso do João. Tem vários casos e o Marcelo juntou dados desses vários casos e fez um cenário. De uma amostra, ele tira um protagonista.”

Marcelo relata que evitou dar gênero às histórias, “são simplesmente narrativas curtas, baseadas em fatos reais mas com diversos elementos do conto”. Apesar do questionamento ético perante a criação ficcional baseada em fatos tristes, o jornalista conta que conseguiu superar o medo de estar “usando” a vida daqueles meninos. Constatou que jamais uma criança em situação de rua teria a oportunidade de contar sua história a partir do seu ponto de vista, e jamais alguém de fora saberia contá-la tão bem quanto a própria. Mesmo assim, diz ter ficado satisfeito com o livro porque se baseou em pesquisas sérias e profundas que procuram captar da melhor forma possível a realidade. “Acho que me aproximei muito do efeito que uma criança causaria se contasse tais histórias, deixando evidente as ambigüidades, a dificuldade quase insuperável.”

**O poder da ficção** – Para Sílvia, essa iniciativa configura-se na maravilha da ciência poder se comunicar com a comunidade. A professora considera a ficção atrativa, conseguindo o diálogo com os leitores. Na sua opinião, essas histórias ficcionais são tão carregadas de conteúdos reais, que podem ser utilizadas para um trabalho teórico, metodológico e ético de capacitação de profissionais que lidam com crianças ou então para despertar seu interesse sobre o assunto. “Eu acho que o exemplo mais típico são professores de escolas que lidam dia-

riamente com a violência doméstica que as crianças trazem pra sala de aula...” O livro está sendo pedido em todo Brasil e a pesquisadora aponta como possíveis fins, por conta do formato de textos curtos e ágeis, a prática, a capacitação, o esclarecimento, a conscientização e a política pública, nas áreas da Psicologia, Fisioterapia, Medicina, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Pedagogia. “Gente que trabalha com gente tem que conhecer alguma coisa dessa obra.”

O autor diz que se o livro sensibilizar uma pessoa a ajudar uma criança, já valeu o esforço. Segundo o escritor, o objetivo principal é humanizar tais crianças, sempre vistas como estatísticas da miséria ou da violência. “Elas são acima de tudo pessoas, talvez ali na rua durmam futuros escritores, músicos, craques do futebol, não podemos simplesmente virar o rosto”, afirma Marcelo. Se todos virarmos, a menina nunca vai entender qual a idade de parar de brincar de bonecas. “Não sabe que deveria hoje ser mulher, pois nunca soube o que é ser criança”, sempre temendo os lobos.



## Crianças do Asfalto

Casa do Psicólogo,  
174 págs., R\$ 27,00  
na Livraria Cultura,  
de Marcelo Spalding

Onze relatos ficcionais a partir de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado realizados pelos pesquisadores do CEP-Rua, Centro de Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS que aborda as questões da infância. O marcante da obra é a capacidade de sobrevivência que as crianças e adolescentes conseguem desenvolver em ambiente de rua, cultivando amizades e sonhos. O autor é jornalista formado pela Fabico e colabora com o Jornal da Universidade desde o ano de sua formatura, em 2005. Atualmente é mestrando em Literatura Brasileira na UFRGS, vice-presidente da Associação Gaúcha de Escritores, editor do website Veredas, membro do grupo Casa Verde, colunista do Digestivo Cultural e professor da Oficina de Criação Literária da Uniritter. Escreveu os livros ‘As cinco pontas de uma estrela’ e ‘Vencer em Ilhas Tortas’.

Endereços eletrônicos:  
[www.psicologia.ufrgs.br/cep\\_rua](http://www.psicologia.ufrgs.br/cep_rua)  
[www.marcelospalding.com](http://www.marcelospalding.com)

“Olhou pela última vez através da lente, agora trincada. Não suportou o quanto sentiu-se idiota por querer ser como o homem grisalho, não suportou ver a irmã pequenina de cabelos pretos, lisos e curtos dormindo para sempre na cama com ele, não suportou a dúvida de que a ele estivesse reservado um futuro. Com raiva e força atirou a máquina no arroio imundo e assistiu ela ser levada pela correnteza.”  
*Trecho de “As imagens de um menino”, p. 99*

“Carlos não teve tempo de entender: levou um tapa de mão aberta no rosto. Depois na cabeça, nas costas, no nariz, nos dentes, no rosto, nas costas. Ela gritava “eu odeio essa vida, eu odeio todos os homens do mundo”. E ele sentia a dor dos tapas, dos gritos e da repetência. Preciso empurrá-la com força e derrubá-la no chão para se soltar. Só dois dias depois o padrasto de Carlos o encontrou dormindo num banco de praça.”  
*Trecho de “De como nascem os brutos”, p. 35*

## Conhecendo a UFRGS

A saúde no foco da Medicina veterinária

Por Fernando Favaretto

Você pode não saber ou não lembrar, mas em 19 de setembro foi comemorado o Dia Estadual do Leite, instituído pela Assembléia Legislativa em 2005, com o intuito de chamar a atenção para a importância desse alimento repleto de qualidades nutricionais. Esse também é um dos objetivos do Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel, ligado à Faculdade de Veterinária, tanto que suas coordenadoras, Andréia Troller Pinto e Maira Balbinotti Zanela, foram convidadas a integrar a Câmara Setorial do Leite do Estado, após um projeto de conscientização quanto ao consumo desse produto desenvolvido durante a Expointer.

A participação do Laboratório na exposição revela a preocupação que sua equipe tem com o trabalho de extensão universitária, através do qual se procura “estimular a produção com qualidade e o consumo consciente desses alimentos, informando ao público sobre a necessidade de uma dieta adequada e a compra de alimentos de fontes conhecidas”, destaca a professora Andréia Pinto.



A pesquisa também se faz presente nas atividades do Laboratório, que desenvolve projetos diversos, como os trabalhos de monitoramento sanitário, ambiental e animal, bem como o controle do sistema de pasteurização junto ao único laticínio gaúcho que produz leite do tipo A. Além disso, existe uma parceria com a Associação Gaúcha de Apicultores que prevê a análise do mel produzido no estado, com a finalidade de determinar seu padrão de qualidade, principalmente tendo em vista sua procura crescente. Outra pesquisa iniciada pelo setor visa a determinação do perfil do consumidor de ovos para saber o que a população considera importante na escolha desse produto. Segundo Andréia, os ovos são erroneamente apontados como transmissores de doenças e responsáveis por problemas cardiovasculares.

O Laboratório ainda serve como espaço de experimentação aos alunos do curso de Medicina Veterinária e, associado a disciplinas específicas, contribui para que os estudantes adquiram formação para acompanhar sanitária e tecnologicamente todos os processos produtivos desses alimentos. “Isso melhora a formação acadêmica dos nossos alunos e faz com que vejam a importância dos projetos de extensão e de pesquisa. Felizmente, temos um interesse crescente dos nossos acadêmicos por essa área. Para muitas pessoas, a medicina veterinária é apenas uma clínica de pequenos animais, quando o médico veterinário tem um importante papel na produção e na inspeção dos alimentos”, destaca a professora Maira Zanela.

Assista ao programa



Para conhecer melhor o Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel assista ao programa *Conhecendo a UFRGS* produzido pela UFRGS TV, que será exibido no dia 27 de novembro, com reprise dia 6 de dezembro, às 21h30min, através da UNIV, canal 15 da NET

# Pós-graduação da UFRGS no topo da avaliação Capes

## Ensino

*Universidade dobrou o número de programas com nota máxima no triênio 2004-2006*

Ânia Chala  
(colaborou Caroline da Silva)

A UFRGS alcançou o topo no ranking das universidades federais, ao lado da UFRJ e da UFMG, segundo a avaliação divulgada em outubro pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Considerando os cursos com alto e excelente desempenho, a Universidade tem mais que o dobro de programas de pós-graduação neste patamar (65,33%) em comparação à média nacional (30,8%). Em nível regional, a UFRGS responde por 60% dos programas nota 7, sendo que no âmbito do Rio Grande do Sul esse percentual chega a 67%. Por outro lado, apenas 5,33% dos programas oferecidos pela Universidade receberam nota 3, índice que contrasta com a média nacional que é de 29,88%, restringindo-se, na UFRGS, a programas novos.

Para a pró-reitora de Pós-graduação, Valquiria Linck Bassani, esse resultado deve ser atribuído a um trabalho de longo prazo: “Todo programa de pós-graduação tem uma história que é fruto de planejamento, do estabelecimento de metas e, essencialmente, da qualidade da pesquisa e da formação de recursos humanos geradas. Esse índice representa a combinação desses fatores.”

Conforme a professora, os pontos avaliados pela Capes referem-se à produção intelectual, formação de estudantes, qualidade da atividade docente e inserção social dos programas. “Este último aspecto, incluído recentemente, denota a interação que o programa estabelece com a comunidade na transição da realidade



Paleontologia, uma das áreas de concentração do Pós-graduação em Geociências, que conquistou nota 7

de social.” Ela acrescenta que a área das Ciências Biológicas, por exemplo, colocou como um dos critérios de avaliação a informação do destino dos egressos. As Engenharias consideraram a transferência tecnológica, enquanto outras áreas levaram em conta o número de professores que estão atuando em escolas da rede pública.

Em termos de financiamento, a pró-reitora diz que o patamar atingido pela UFRGS contribuirá para que grupos de pesquisa e programas tenham sucesso em financiamentos em nível nacional e internacional junto aos órgãos de fomento. “Os programas notas 6 e 7 inserem a UFRGS no panorama internacional, no qual a cooperação ocorre de forma bilateral e em condições de igualdade.”

**Solidariedade acadêmica** – A vice-pró-reitora de Pós-graduação,

Lia Teresinha Silva, informa que a Universidade mantém uma série de convênios com outras instituições, promovendo mestrados interinstitucionais. “Essas iniciativas são consideradas como de solidariedade no momento em que se está capacitando o corpo docente de outras universidades e também contam pontos nas avaliações feitas pela Capes.” Ela destaca que, em 2006, a UFRGS apoiou a criação de dois cursos de pós-graduação nas áreas de Odontologia e de Artes Visuais da UFSM, por associação de IES, cujo corpo docente era insuficiente para a implantação do mestrado. Outro exemplo é o programa “Casadinhos”, lançado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que prevê o intercâmbio entre os programas de pós-graduação níveis 5, 6 e 7 para servir

de apoio à consolidação de cursos novos que ainda não têm uma boa produção científica.

Conforme Valquiria, o fato dos programas de pós-graduação estarem bem familiarizados com o sistema de avaliação da Capes é um aspecto facilitador, uma vez que cada área conhece os critérios a serem considerados durante o triênio. “Os cursos de maior conceito têm tradição em sua auto-avaliação. Portanto, eles mesmos são capazes de estabelecer metas para chegar a um conceito melhor. Já os que têm maior dificuldade precisam do apoio da Pró-reitoria para o estabelecimento de medidas saneadoras.”

Nesse sentido, a professora considera que o *I Seminário de Avaliação da Pós-graduação*, realizado em 2005, proporcionou uma boa oportunidade de reflexão e troca de experiências

entre os cursos. Por isso, a Pró-reitoria já prepara uma nova edição.

**Metas de desenvolvimento** – O encontro terá por objetivos gerais a avaliação institucional dos Programas de Pós-graduação da UFRGS e o estabelecimento de metas de desenvolvimento por programa e por área de conhecimento, por meio da análise de desempenho. Além disso, o Seminário terá como focos específicos: proporcionar a troca de experiências e a cooperação entre os Programas; analisar seu desempenho, evidenciando pontos fortes e fracos; propor metas e estratégias para o desenvolvimento ou a manutenção da qualidade dos Programas para o triênio 2007-2009; analisar os critérios de avaliação e o sistema *Qualis*, adotado pelos Comitês da Capes e sugerir eventuais alterações.

## Nota 7 Receitas para o sucesso

Os coordenadores dos seis programas de pós-graduação da UFRGS que obtiveram nota máxima na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) falam dos fatores que contribuíram para esse resultado.

### ENGENHARIA DE MINAS, METALÚRGICA E DE MATERIAIS

CARLOS PÉREZ BERGMANN  
Para alcançar o conceito 7, após dois triênios com avaliação 6, foi necessário muito empenho de todo corpo docente, funcionários e alunos. Não bastava ter um grande número de publicações, projetos, patentes, intercâmbio com instituições no exterior, inserção regional e nacional etc., era necessário ser o melhor entre nossos pares em todo o Brasil. Passar a ser uma referência de excelência é importante para o estabelecimento de novas parcerias, novos projetos e conquista de novos bons alunos.

### GENÉTICA E BIOLOGIA MOLECULAR

MARIA CÁTIRA BORTOLINI  
Desde que a Capes instituiu a avaliação nosso programa sempre teve nota

máxima, com exceção do triênio 2001-2003 em que ficamos com nota seis, mas que ainda assim significa categoria de excelência. Desta forma, mantivemos um contínuo de bom desempenho ao longo dos anos. Conseguir isso significa que nossos docentes sempre acreditam que a geração do conhecimento científico é um dos pilares indispensáveis para se obter excelência acadêmica e, consequentemente, atingir condições favoráveis para o desenvolvimento de uma nação e da humanidade.

### FÍSICA

MÁRCIA CRISTINA BERNARDES BARBOSA  
Temos nota máxima desde a criação da avaliação. O fator mais importante para o 7 foi o impacto internacional de um grupo de pesquisadores do Programa. Os integrantes possuem um número elevado de citações nas áreas de Astronomia, implantação de íons e superfícies, teoria de campos e mecânica estatística e com trabalhos em nanociência. Nos campos de microeletrônica e nanociência, há previsão de um incremento no número de bolsas. Para atrair os melhores

estudantes do Brasil, este ano organizamos a Primeira Escola do PPGFis da UFRGS aberta para estudantes de final de graduação de todo o país.

### GEOCIÊNCIAS

LÉO AFRANEO HARTMANN  
Formamos atualmente 15 doutores em Ciências e 30 mestres em Geociências e publicamos 40 artigos científicos internacionais por ano. Construímos laboratórios de pesquisa de nível internacional e interagimos com muitos cientistas e países, além da indústria local. Formamos alguns dos principais líderes acadêmicos do país e também na indústria, pois os nossos doutores têm grande destaque, por exemplo, na Petrobras e no Serviço Geológico do Brasil.

### PSICOLOGIA

DENISE RUSCHEL BANDEIRA  
A combinação do modelo americano e inglês para a pós-graduação, a ênfase no mérito acadêmico e a participação ativa dos fundadores na comunidade científica da Psicologia, levou rapidamente a um reconhecimento nacional da excelência do programa que recebeu

avaliações muito positivas na Capes. Enfatizamos os intercâmbios e a colaboração nacional e internacional, mantendo padrões elevados na produção científica e na formação de mestres e doutores. Nossos alunos têm qualidade elevada, com aprovação em concursos nas importantes universidades do país.

### CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - BIOQUÍMICA

CARLOS ALBERTO SARAIVA GONÇALVES  
Recebemos pela terceira vez a nota 7, ou seja, nove anos de nota máxima. O programa tem por meta a formação de pesquisadores-docentes de maneira indissociada, isto é, não queremos docentes que não façam pesquisa e não queremos pesquisadores que não estejam associados à formação de pessoas mais qualificadas. A nossa força está na coesão dos recursos humanos, comprometidos com a qualidade da escola pública. Como consequência, o PPG tem nucleado efetivamente novos grupos de pesquisa, apresenta uma forte inserção nacional e tem projetado a bioquímica brasileira internacionalmente, trabalho reconhecido pela Capes.

“

Nossos docentes acreditam que a geração do conhecimento científico é um dos pilares para se obter excelência acadêmica e atingir condições favoráveis para o desenvolvimento da nação.

Maria Cátira Bortolini

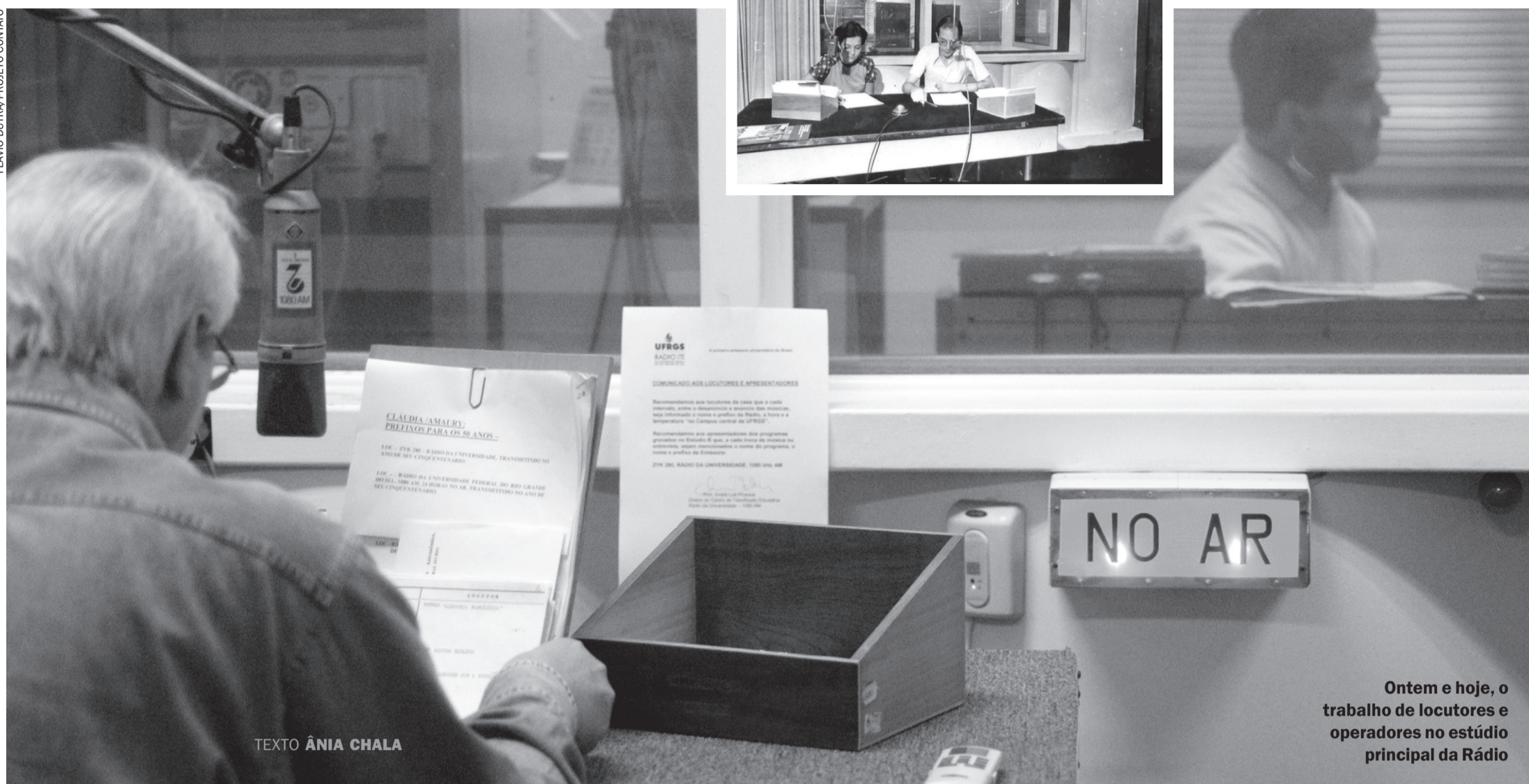
A participação ativa dos fundadores na comunidade científica da Psicologia levou rapidamente a um reconhecimento nacional da excelência do programa.

Denise R. Bandeira

”

# Especial

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



TEXTO ÂNIA CHALA

Ontem e hoje, o trabalho de locutores e operadores no estúdio principal da Rádio

Quando o professor Antônio Alberto Goetze da Escola de Engenharia teve a idéia de criar uma rádio na UFRGS, no final dos anos 40, não imaginava que sua proposta iria resultar na primeira de uma série de emissoras universitárias brasileiras. Hoje, dentre as 54 universidades, fundações e faculdades federais, 18 possuem emissoras de rádios AM ou FM, sendo que uma universidade possui duas emissoras totalizando 19 rádios universitárias públicas em todo o Brasil.

Inaugurada em 18 de novembro de 1957 (*leia histórico abaixo*), a Rádio da Universidade dedica-se à difusão da produção intelectual e tecnológica da UFRGS e à divulgação da música erudita e da cultura, além de constituir-se em espaço de prática para os alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).

O radialista Luiz Carlos Vergara Marques, locutor que fez a primeira transmissão, relembra: "Aquele foi um momento histórico, porque a Rádio significou a primazia do Rio Grande do Sul na criação da primeira emissora universitária do Brasil com programação composta em sua quase totalidade por música erudita, programas literários, culturais e educativos. Foi também a primeira emissora a poder dizer que não se submetia aos caprichos dos ouvintes, e sim às suas necessidades, por não ser uma rádio comercial".

No dia da inauguração, durante

## A vocação de formar e informar ouvintes

*Comunicação Pioneira das emissoras universitárias do país, a Rádio da Universidade completa 50 anos*

um churrasco realizado na Ilha do Chico Inglês, onde ficavam os transmissores, Vergara Marques ouviu do colega e amigo Adroaldo Guerra uma declaração que o deixou muito satisfeito: "Ele me disse que eu era um sujeito bafejado pela sorte, pois a Rádio era diferente de todas as outras por não estar sob o jugo do patrocínio. E acrescentou que gostaria imensamente de integrar a equipe da nova emissora". Depois que ouviu isso, o radialista diz que se deu conta do quanto essa característica iria definir a emissora que nascia naquele momento.

Vergara Marques trabalhou como chefe dos locutores durante 25 anos e, na década de 80, foi diretor do órgão. Ele destaca o valor do grande acervo musical da emissora, que ao longo dos anos ajudou a formar apreciadores de música erudita.

Lauro Hagemann, jornalista cuja trajetória profissional está intimamente ligada à criação da Rádio, con-

corda com Vergara quanto à importância do papel da emissora na formação do público. "Esta rádio tem uma história muito bonita, cujo legado não tem preço. Ela é um dos bens mais preciosos que a Universidade tem", afirma Lauro, que organizou e chefiou o departamento de Jornalismo. Ele revela que, quando a Rádio passou a funcionar nos 1.080 kHz, ofereceu-se para colaborar com a nova fase da emissora. "Era recém-formado e tive a sorte de ter recebido o apoio do professor Goetze, primeiro diretor do órgão, a quem consegui convencer de que deveríamos ter um setor de jornalismo. Eu era bacharel em Jornalismo e achava que tínhamos a obrigação moral de incentivar a formação profissional e técnica dos jornalistas. A Rádio foi a primeira emissora de Porto Alegre que só admitia jornalistas formados em seu quadro de funcionários."

Na condição de jornalista-radialis-

ta, Lauro promoveu o primeiro curso de locutores, através do qual foram contratados, Vergara Marques, Carlos Alberto Carvalho e Renato Rocha, os primeiros radialistas concursados da emissora.

Sobre a maneira como funcionou o setor de jornalismo naqueles primeiros tempos ele recorda: "Tínhamos a famosa 'recortagem', produzida na base de uma seleção das notícias dos jornais matutinos e vespertinos. Mas, desde sempre, também desenvolvemos uma redação de noticiários da Universidade, que existe até hoje, porque entendíamos que a UFRGS tinha obrigação de manter um informativo próprio. Nessa época, tivemos a colaboração das jornalistas Lara Bendatti e Vassília Derenji."

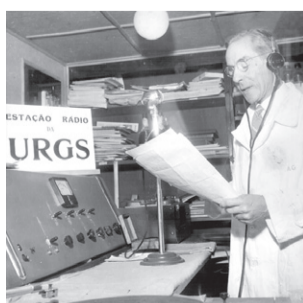
Lauro considera que a Rádio nem sempre foi tratada com o devido apreço. "Tenho minhas teorias e acho que o problema está no fato de que a maior parte dos reitores não era afeita ao

trato das palavras, mas acostumada ao trato científico. Isso perturbou a história da emissora, porque uma rádio é essencialmente humana, tem vida própria. Tivemos, claro, grandes reitores que deram importantes contribuições no campo material, mas não é só por aí que se faz uma rádio. Houve apenas um dirigente com afeição pelo meio da palavra, o reitor Earle Diniz MacCarthy Moreira. Os outros todos eram médicos ou engenheiros, com formação quase exclusiva pelo trato científico, não pelo lado humano e social." Na opinião do jornalista, isso emparedou a Rádio durante muito tempo, mas hoje ele acredita que a emissora está vencendo esse período. "Essa é uma tarefa árdua, mas com os modernos instrumentos de tecnologia é possível que esse processo possa ser apressado. Tudo vai depender dos que fazem e dirigem a emissora."

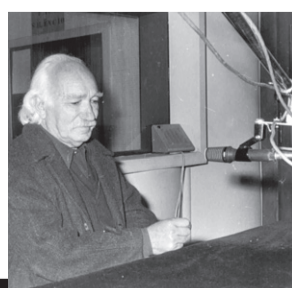
Dizendo que se orgulha de ter colaborado com a emissora desde seus primeiros anos, Lauro acha que a Rádio deve atuar como uma caixa de ressonância do que se faz na Universidade em benefício da coletividade. "Embora tenha demorado até que essa concepção chegasse aos meandros da administração universitária, hoje todos temos claro que não se pode ficar somente no trabalho intramuros. Me orgulho muito de ter ajudado a criar essa parte da Rádio que procura servir mais fundamentalmente ao conceito de sociedade", conclui.

### Anos 50

**1950** - Autorizada a instalação de uma estação radiotelefônica numa sala do Instituto Eletrotécnico da Universidade, destinada à transmissão de ensinamentos e palestras, por iniciativa do professor Antônio Alberto Goetze (foto).



**1951** - Inauguração simbólica da Rádio. Buscando atrair ouvintes, o professor Goetze procurou o músico Armando Albuquerque (foto), e conseguiu o apoio do reitor Elyseu Paglioli para a obtenção de autorização do governo federal para reproduzir músicas que fizessem parte de programas da rádio do Ministério da Educação.



**1953** - A Rádio ganhou um novo transmissor de 2kw vindo do Instituto de Meteorologia de Olinda e passou a funcionar na frequência dos 3.945 kHz. Uma campanha de doações de discos deu início à formação de seu acervo. Em dezembro daquele ano, a emissora saiu do ar por transmitir programas não voltados para seu tipo de atividade. A opinião pública se manifestou e, em janeiro de 1954, o reitor Elyseu Paglioli viajou ao Rio de Janeiro, obtendo do presidente Getúlio Vargas a liberação para a estação de rádio operar na frequência 1.080 kHz.

**1956** - Concluída a instalação do transmissor na Ilha do Chico Inglês, a emissora transmitiu de forma experimental entre agosto e novembro do ano seguinte.

**1957** - Em 18 de novembro, às 20h, pela voz do locutor Luiz Carlos Vergara Marques e da reprodução da primeira suíte de "O descobrimento do Brasil", de Heitor Villa-Lobos, tiveram início as transmissões oficiais da Rádio da Universidade.

### Anos 60

**1960** - A Rádio ganhou sede própria, ocupando o antigo prédio do Instituto Meteorológico Coussirat Araújo (na foto abaixo, jornalistas na redação).

**1963** - Porto Alegre sediou a Universidade, evento desportivo organizado pela Federação Internacional de Esporte Universitário, transmitido exclusivamente pela Rádio da Universidade.



### Anos 70

**1978** - A aquisição de novos transmissores ocasionou a transferência da antena da Rádio para o quilômetro 16 da rodovia BR-116, no município de Guaíba, hoje Eldorado do Sul (foto). No ano seguinte, a emissora recebeu novos transmissores com potência de 10kw.



### Anos 90

**1990** - Houve uma série de inovações na emissora. Em abril foi instalado um transmissor AM Digital e, em setembro daquele mesmo ano, foi totalmente reequipada recebendo novos equipamentos.

50 anos de cultura

PESQUISA: TATIANA SPALDING PEREZ

FOTOS: ACERVO MUSEU DA UFRGS E RÁDIO DA UNIVERSIDADE





**Maria Lucrécia Zavaschi**  
Professora da Faculdade de Medicina

Acompanho a Rádio desde 1967. Para mim ela sempre foi uma janela para o mundo, para as artes, principalmente a música. Quando estudei Medicina, aqui mesmo na UFRGS, acordava de manhã e já ligava o rádio. Música clássica para mim é um tranquilizante, tem efeito terapêutico sobre meu humor, sobre a minha vida. E foi a Rádio da Universidade que me oportunizou conhecer a música clássica nacional e internacional. Ali conheci Carlos Gomes, Nazareth, Villa-Lobos. Eu – e muita gente – fui educada musicalmente pela Rádio. Lembro também que ela foi minha companheira de estudos e que ficava muito triste quando a programação era interrompida à meia-noite. Foi um alento quando passaram a transmitir 24 horas por dia. Agora ela me acompanha também na madrugada. Recorto que, mesmo durante a época da ditadura, ela manteve sua programação erudita. Muitas outras emissoras tiveram que mudar suas programações, mas a rádio se manteve fiel a seu modelo, como um refúgio para aqueles dias negros. Eu morava numa república com outras três moças e todas gostávamos muito da Rádio e a ouvíamos constantemente. Era nossa companheira diária. Além disso, usei a Rádio da Universidade como música de fundo para a sala de espera de meu primeiro consultório. Tinha alguns problemas em dias de chuva, quando a transmissão sofria interferência, mas o resultado da música erudita sobre os pacientes na sala de espera sempre foi muito positivo.

Aprecio a programação da manhã e da noite, quando predomina a programação musical. São momentos em que toca muita música erudita, mas nos quais também existem programas como o de tango, de música árabe, de cultura judaica, construindo um painel de conhecimentos muito bonito. Gosto também, fora destes horários, do programa de debate dos jornalistas, nos sábados, e do programa sobre cinema. Mas gosto ainda das entrevistas, dos noticiários sobre a Universidade.

Quero agradecer a toda a equipe da Rádio pelo trabalho, pois a gente percebe que são pessoas que trabalham com amor, com dedicação, divulgando os resultados das pesquisas realizadas pela UFRGS nas mais diferentes áreas.



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



**Ney Gastal**  
Jornalista, chefe da Assessoria de Imprensa da UFRGS na administração do reitor Macarthy Moreira

Parecia um dia como outro qualquer, mas lembro que meu pai chegou animado e anunciou que não era. Pelo contrário, seria um dia muito importante, porque marcaria a entrada no ar da primeira estação de rádio de uma universidade brasileira. Não dei muita importância. Me chamou a atenção foi o fato dele ter ligado o grande rádio e o deixado a crepitar num ponto do dial onde o “olho mágico” mostrava não haver coisa alguma, onde só se ouvia estática.

Tinha seis anos, quando escutei os sons da primeira transmissão experimental da Rádio da Universidade. Não lembro o que foi. Impressionou-me, mesmo, foi ver meu pai pegar uma caneta e marcar no mostrador do dial o lugar da nova rádio. Pois se eu não podia riscar coisa que não fosse papel, por que ele podia?

O rádio lá de casa nunca mais transmitiu outra coisa. Ia da Guaíba para a Universidade e passava por cima das outras como se não existissem. Eu mesmo virei fã logo em seguida. Já tinha aprendido a curtir Beethoven, Mozart e Vivaldi e começava a descobrir Bach, quando um dia meu pai avisou:

— Hoje tem um programa especial para crianças, na Rádio da Universidade.

Foi a primeira vez que escutei “Pedro e o Lobo”, de Prokofiev, e dali pra frente não perdi uma única transmissão. Muitas delas “coincidentemente” no dia de meu aniversário, coisa que o pai conseguia sei lá como.

Ou sei. Ele, P.F.Gastal, era editor cultural do Correio do Povo, e seu amor pela Rádio da Universidade foi tanto que desde logo deu jeito de publicar sua programação diária (completa) até ele deixar o jornal, na crise da década de 80.

Lá em casa, nem a troca de aparelhos de rádio, nem o advento da TV, dois anos depois, em 1959, mudou coisa alguma. Quando ele estava em casa, afora o momento do Correspondente Renner na Guaíba, o rádio permanecia sempre nos 1.080 da Universidade. Criei-me ao seu som, que continuo a ouvir e ouvirei ainda mais, agora que a FM Cultura, por obra e arte do momento, expulsou a música erudita de sua programação. Nos resta a Rádio da Universidade. A última emissora realmente educativa do estado. Feliz aniversário. Continuem assim.

## Investimento em qualidade

Segundo André Prytoluk, diretor da emissora há pouco mais de um ano, a Rádio da Universidade recebeu investimentos em novos equipamentos, na reforma dos transmissores e na ampliação da capacidade de transmissão pela Internet.

Ele acrescenta que a recepção do sinal de rádio aberto em Porto Alegre tem um espectro muito tumultuado. “Além da topografia da cidade ser complicada, por causa dos morros que a cercam, há também a questão do rebatimento das ondas nos prédios, problema especialmente grave porque a potência da transmissão é fraca. Por isso, estamos procurando atacar as duas frentes: aumentar a capacidade de atendimento na Internet e melhorar a

transmissão pela digitalização do sinal.”

Atualmente, a Rádio da Universidade tem 10 quilowatts, enquanto as grandes emissoras comerciais alcançam os 100 quilowatts. Como não é possível concorrer no mesmo nível, André acredita que a melhora na recepção deverá ocorrer através do processo de digitalização, previsto para 2008.

Professor na área de Publicidade há 20 anos, ele aposta num grande crescimento proporcionado pela expansão da rede mundial de computadores. “Há um renascimento do rádio, porque as pessoas ficam cada vez mais tempo presas em engarrafamentos dentro de seus automóveis ou trabalham em casa.” A partir da digitalização, André acredita que será possível

avaliar melhor a necessidade de aumentar ou não a potência da transmissão. “De qualquer forma, há um movimento nacional das rádios universitárias para que o governo federal disponibilize recursos para essas melhorias. Afinal, são emissoras estatais, cuja finalidade está inserida nos objetivos educativos federais”, afirma.

A criação de uma associação dessas emissoras será um dos principais pontos de debate no Encontro das Rádios e TVs das Universidades Federais, que vai acontecer de 16 a 18 deste mês, na Sala II do Salão de Atos, reunindo as emissoras universitárias brasileiras e rádios universitárias de outros países (ver quadro abaixo).

### Encontro de Rádios e TVs das Universidades Federais

**16 de novembro – sexta**

Local: Sala II Salão de Atos da UFRGS  
9h30min – Recepção com entrega de material  
10h – Abertura e lançamento da REDElfes  
10h45min – Panorama das Rádios das Universidades Federais: onde estão e como estão? – Profa. Sandra de Deus (UFRGS)  
11h30min – Panorama das TVs das Universidades Federais: onde estão e como estão? – Prof. Carlos Rocha (UFPR)  
14h30min – Sistema digital de

rádio e TV: o caminho percorrido – Luiz Sperotto (Rádio da UFRGS)  
15h30min – Experiência de Gestão das Rádios Universitárias Argentinas – Omar Turconi (LR11, La Plata, presidente da Associação das Rádios Universitárias Argentinas - Aruna).

**17 de novembro – sábado**

Local: Sala II Salão de Atos da UFRGS  
9h30min – Apoio cultural e uso de publicidade – Celso Franzen e Roberto Montagner (Rádio da UFMS)  
10h30min – Comunicação Pública – José Roberto Garcez (Presidente da

Radiobrás)  
15h – Troca de experiências em dois grupos: um de rádio e outro de TV. (Inscrição prévia das emissoras de rádio e TV para apresentarem o que está sendo feito e como estão sobrevivendo)  
17h30min – Apresentação de relatório para ser discutido e ser encaminhado como documento à Andifes, governo federal etc.

**18 de novembro – domingo**

Local: Salão de Atos da UFRGS  
10h – Finalização do encontro

### Anos 2000

ve uma seqüên- ções técnicas na m abril de 1991, um novo AM Stereo setembro mo ano, o prédio e reformado, ovos equipa-

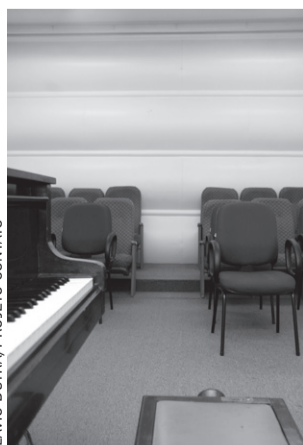
**1995** – A emissora foi informatizada, com a instalação de equipamentos nos estúdios (foto) e nos transmissores, que possibilitaram a melhora na qualidade do som. Em novembro daquele ano, a Rádio passou a operar 24 horas por dia.



CADINHO ANDRADE

**1998** – Implantado o sistema que permitiu a automação da emissora à noite e nos finais de semana.

**2000** – Inaugurado o Estúdio Auditório (foto), espaço que possibilita a realização de programas ao vivo com a participação de grupos musicais, entrevistas e debates.



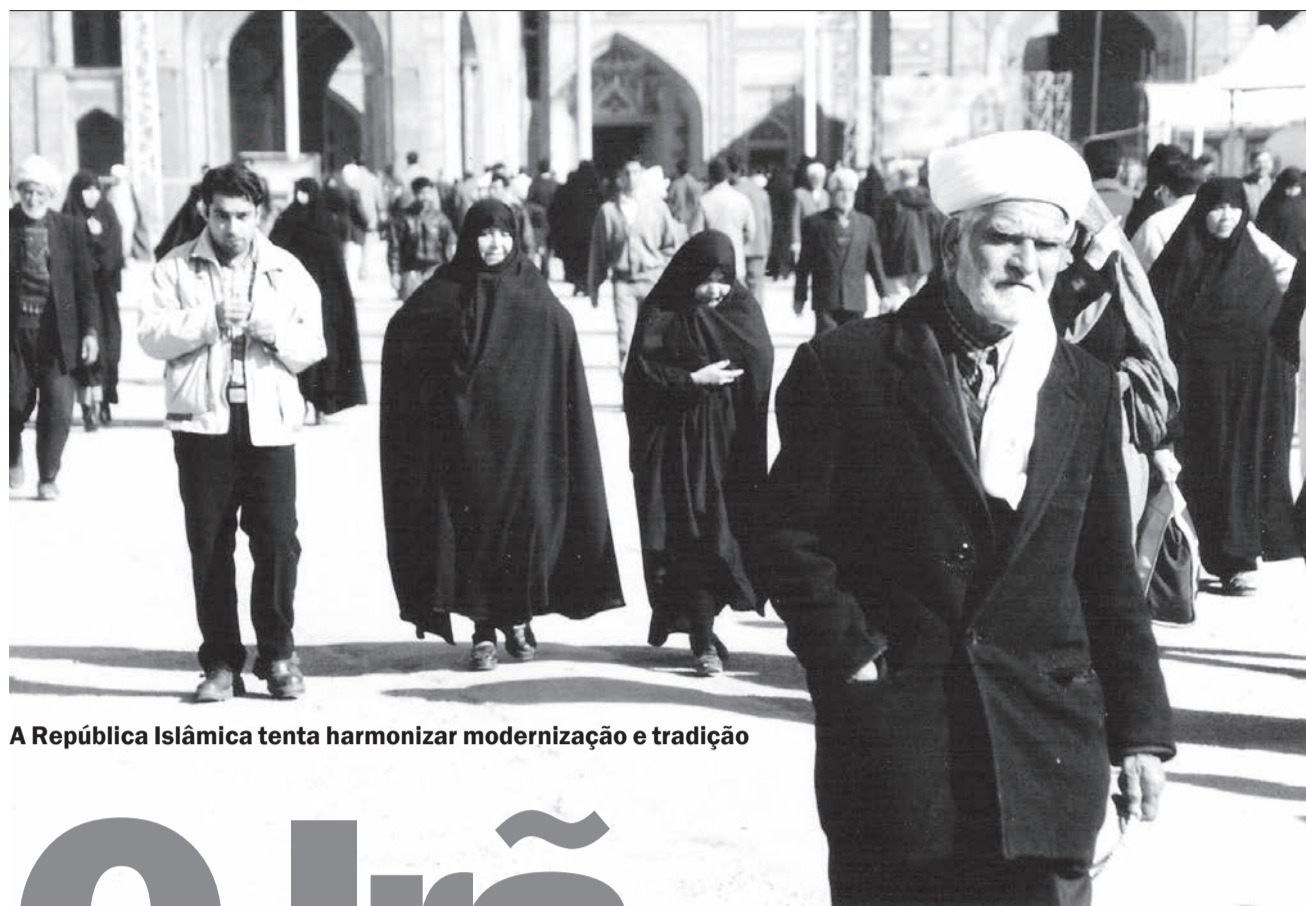
FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

**2002** – Concluída a restauração do prédio da Rádio da Universidade, considerado patrimônio histórico de Porto Alegre. No mesmo ano, a direção iniciou uma nova proposta, aumentando a produção de programas jornalísticos e integrando os alunos da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação em sua produção e apresentação.

**2003** – Instalado um novo sistema de automação, desenvolvido pelo Departamento Técnico da Rádio, que reduziu os erros operacionais da execução radiofônica.

**2006** – Adquirido um novo transmissor de link, iniciando assim o processo de conversão ao Sistema de Rádio Digital (HD Radio).

**Para ouvir a Rádio**  
No dial – ZYK 1.080 kHz  
Na Internet – [www.ufrgs.br/radio](http://www.ufrgs.br/radio)  
Endereço da emissora: Rua Sarmento Leite, 426, Campus Centro da UFRGS



A República Islâmica tenta harmonizar modernização e tradição

# O Irã entre os blocos

## Economia

*Dentro da ordem mundial que está se formando, o país é peça fundamental no Oriente Médio*

Caroline da Silva

Por que o Irã não deve explorar a energia nuclear? O que define que alguns países podem ter bomba atômica e outros não? Com a especulação sobre um possível uso militar do urânio iraniano e uma invasão dos Estados Unidos, a antiga Pérsia torna-se elemento-chave para o cenário internacional. Na última Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em setembro na cidade de Nova York, o Irã ocupou posição de destaque pela veiculação de algumas notícias polêmicas. Primeiramente, a declaração do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva foi encarada como uma defesa ao país de Mahmoud Ahmadinejad quanto à sua política nuclear. O segundo fato que chamou a atenção do mundo foi a palestra de Ahmadinejad em uma importante universidade americana. Aproveitando a ida do iraniano ao país para o evento da ONU, o reitor da Universidade de Columbia convidou o líder islâmico para um colóquio, enfrentando todas as pressões negativas do governo americano.

Paulo Visentini, professor do curso de Relações Internacionais da UFRGS, considera que a presença de um presidente muçulmano em uma universidade americana é traço do pluralismo com o qual aquele país sempre esteve identificado. Quanto a Lula, Visentini diz que o ponto de vista diplomático do Brasil não é uma defesa ao Irã, mas de um princípio. Se os Estados Unidos investirem contra os iranianos agora, podem futuramente seguir a mesma linha com qualquer outro país. Uma vez aceita esta postura, ela se institui como norma. Índia, Paquistão e Israel têm bomba atômica, mas possuem a simpatia do governo americano. “No fundo, há um jogo geopolítico”, alerta Visentini.

Para entender por que a política externa do Irã está configurada dessa forma e tem esse tipo de recepção no

mundo ocidental, é preciso visualizar as particularidades do país dentro de seu tempo e espaço.

**O Irã** – “É necessário voltar na história para pensar a República Islâmica do Irã”, explica Ivonete Pinto, jornalista que escreveu *Descobrimo o Irã*, um relato de viagem aquele país. No livro ela diz que é preciso retroceder até o ano de 642, quando os árabes invadiram a região então denominada Pérsia. “Até aquela época, o Zoroastro era a religião persa. Os iranianos não são árabes e possuem língua própria (farsi), sendo que apenas o alfabeto utilizado é o árabe.”

O islamismo tem dois grandes grupos: os xiitas e os sunitas. Os xiitas são “partidários de Ali” (sobrinho-neto de Maomé) e para eles um único descendente do profeta poderia vir a ser o chefe supremo. Os sunitas seguem as sunas (coletânea das obrigações do Corão) e defendem uma outra linha de sucessão, a partir dos califas. No mundo islâmico dos dias atuais, os sunitas representam 90% dos muçulmanos, enquanto os xiitas apenas 10%. “O Irã e o Iraque são os únicos países islâmicos com população majoritária xiita”, enfatiza.

**Nacionalismo** – O professor Visentini destaca que historicamente os persas – uma raça indo-européia – e os árabes – semitas – sempre foram rivais. “O Irã é um país que no século XX desenvolveu uma postura nacionalista, e de certa forma escapou de ser dominado, ao contrário do que aconteceu com os árabes”. Armando Gauland, doutor em Comunicação pela USP com uma tese que abordou a Revolução Islâmica, afirma que o nacionalismo é uma característica marcante do iraniano. Trata-se de um movimento iniciado nos anos 50, com a nacionalização do petróleo, seguindo até a revolução islâmica de 1979. Para ele, o seqüestro dos 52 reféns norte-americanos na embaixada de Teerã teve caráter nacionalista, e a guerra contra o Iraque, de 1980 a 1988, só foi viável graças a um sentimento identitário, que faz dos iranianos um povo orgulhoso de suas raízes, de sua independência política, econômica e cultural em relação às grandes potências.

É justamente desse discurso de independência, oriundo do nacionalismo, que o atual presidente Mahmoud Ahmadinejad faz uso. Visentini explica que isso, aliado ao controle da tecnologia nuclear, pode unificar um país

com o grau de divisão que o Irã tem hoje. O dirigente tem que lidar com os liberais manchados pela política ocidental hostil, com um clero conservador, envelhecido e corrompido, e com a camada que o elegeu, um grande número de jovens originários da campanha de natalidade pós-revolução que o atual mercado formal de trabalho não consegue absorver.

**Modernização** – O ano de 1979 marca a passagem do Irã à república islâmica, cuja constituição é baseada na *sharia*, sistema de leis que tem como base o Corão. Ela dita o comportamento individual, a lei penal e pública do país. Quanto ao seu sistema político, o Irã tem um líder espiritual supremo, o aiatolá Ali Khomeini. “Ele seria um chefe de Estado, com funções de supervisionar e vetar, baseado num conselho que lhe dá apoio”, esclarece Visentini. O presidente, eleito por sufrágio universal, é o chefe de Governo. “É importante mencionar que as eleições no Irã são muito disputadas e que as mulheres votam”, lembra o docente de Relações Internacionais.

Conforme o professor, o Irã é um país multifacetado, com uma estrutura produtiva moderna. A jornalista Ivonete Pinto lembra que a tentativa de modernização começou com Reza Xá, nos anos 20. Além de mudar o nome do país de Pérsia para Irã, proibiu que as mulheres usassem o *shador* como forma de laicizar o país. A economia era essencialmente rural e mudou nos anos 50 com o filho Reza Pahlevi, que promoveu a aproximação com o Ocidente e o processo de industrialização.

A capital Teerã tem cerca de 14 milhões de habitantes e a produção iraniana de petróleo é a quarta na relação mundial. “As universidades são excelentes, os estudantes não pagam para estudar (com a Revolução Islâmica, tanto educação quanto saúde passaram a ser gratuitas para a população). Nelas vemos muitas mulheres, o que é um retrato do mercado de trabalho, que as absorve como em qualquer país ocidental, mas elas não têm a mesma liberdade que no Ocidente, basta dizer que o uso do lenço para cobrir os cabelos é obrigatório em público e ainda há o veto à presença feminina nos jogos de futebol. Por outro lado, há também um número razoável de diretoras de cinema, numa proporção muito maior que no Brasil, por exemplo”, conta a pesquisadora.

## Nacionalismo e posição estratégica ameaçam a paz

“A projeção dos Estados Unidos para a Ásia Central possui aquele flanco não controlado porque o Irã é um país com vontade própria”, declara Visentini. O professor enumera três causas para a nação mais poderosa do mundo estar atenta à pátria de Ahmadinejad: uma possível liderança na região, posição geográfica estratégica e ameaça a Israel, seu aliado. Armando Gauland, especialista na revolução islâmica, concorda: “O Irã é um importante contrapeso no poder hegemônico representado pelos EUA. Não fosse assim, já teria sido invadido pelos americanos a pedido dos judeus. É ingenuidade acreditar que uma invasão ao país teria as mesmas consequências que teve no Iraque”. Ele cita o poder econômico, somado ao fator da unidade nacional, como diferenças absolutas em relação ao seu vizinho, dividido entre sunitas, xiitas e curdos.

Bush pressiona a ONU para sancionar a república islâmica e ameaça usar a força. Mohamed ElBaradei, chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), descarta essa possibilidade, dizendo que precisam ser esgotadas todas as alternativas diplomáticas e que se o país pretendesse fabricar um artefato nuclear levaria de três a oito anos. Não bastando todos os interesses do governo americano, o presidente iraniano tem uma postura bastante

agressiva. Para Ivonete Pinto, “ele é um linha-dura, que pensa e age muito diferente de seu antecessor, Khatami, que tentava uma aproximação discreta com os Estados Unidos, e media bem as palavras para evitar polêmicas. Sua relação com Hugo Chávez da Venezuela não é gratuita. Quanto aos seus discursos, não é segredo para ninguém que suas posições são radicais e, por vezes, anacrônicas”.

Segundo Visentini, apesar do líder da antiga Pérsia ser muito firme e usar expressões que para a nossa cultura política são inadequadas, é uma maneira do país que se sente ameaçado se firmar e revidar. Ele não acredita numa invasão, dado o custo que teve a ocupação do Iraque ao governo americano. O Irã também ofereceria mais resistência, tem o triplo da população do Iraque e um relevo privilegiado, com montanhas. Mas alerta: “um ataque a um reator nuclear, isso pode acontecer, é o que está sendo sinalizado”. Na opinião de Armando Gauland, com o apoio declarado do presidente russo Vladimir Putin, o Irã fica fortalecido. “O desfile, no ano passado, de 40 mil homens da Unidade Especial de Aspirantes ao

Martírio da Guarda Revolucionária (possíveis homens-bomba) não deixa dúvidas de que o Irã seria uma invasão ao Irã.”



ILUSTRAÇÃO: GILBERTO/ANU

## Para entender o Irã

**DESCOBRINDO O IRÃ**, de Ivonete Pinto, Artes e Ofícios ([www.arteseoficios.com.br](http://www.arteseoficios.com.br))

Um painel sobre o país, com capítulos sobre história, religião, futebol, culinária, cinema e política. A primeira edição do livro da doutora em Cinema saiu em 1999, tendo sido re-editado em 2005. Além da possibilidade de adquiri-lo pelo site da editora, pode ser encontrado nas livrarias Cultura e Saraiva (o preço varia).

**DEZ (Ten, IRÃ/FRA, 2002, 94min., cor)**, de Abbas Kiarostami

Ivonete, professora de Cinema, indica esse título por representar a modernidade *versus* a tradição no país, através de uma personagem separada que, enquanto dá carona para algumas mulheres e leva seu filho à escola, mostra a situação do Irã contemporâneo no campo comportamental.



Mania Akbari, em filme de Abbas Kiarostami

DIVULGAÇÃO



# Brasileiro é co-autor de Nobel de Física

Jacira Cabral da Silveira

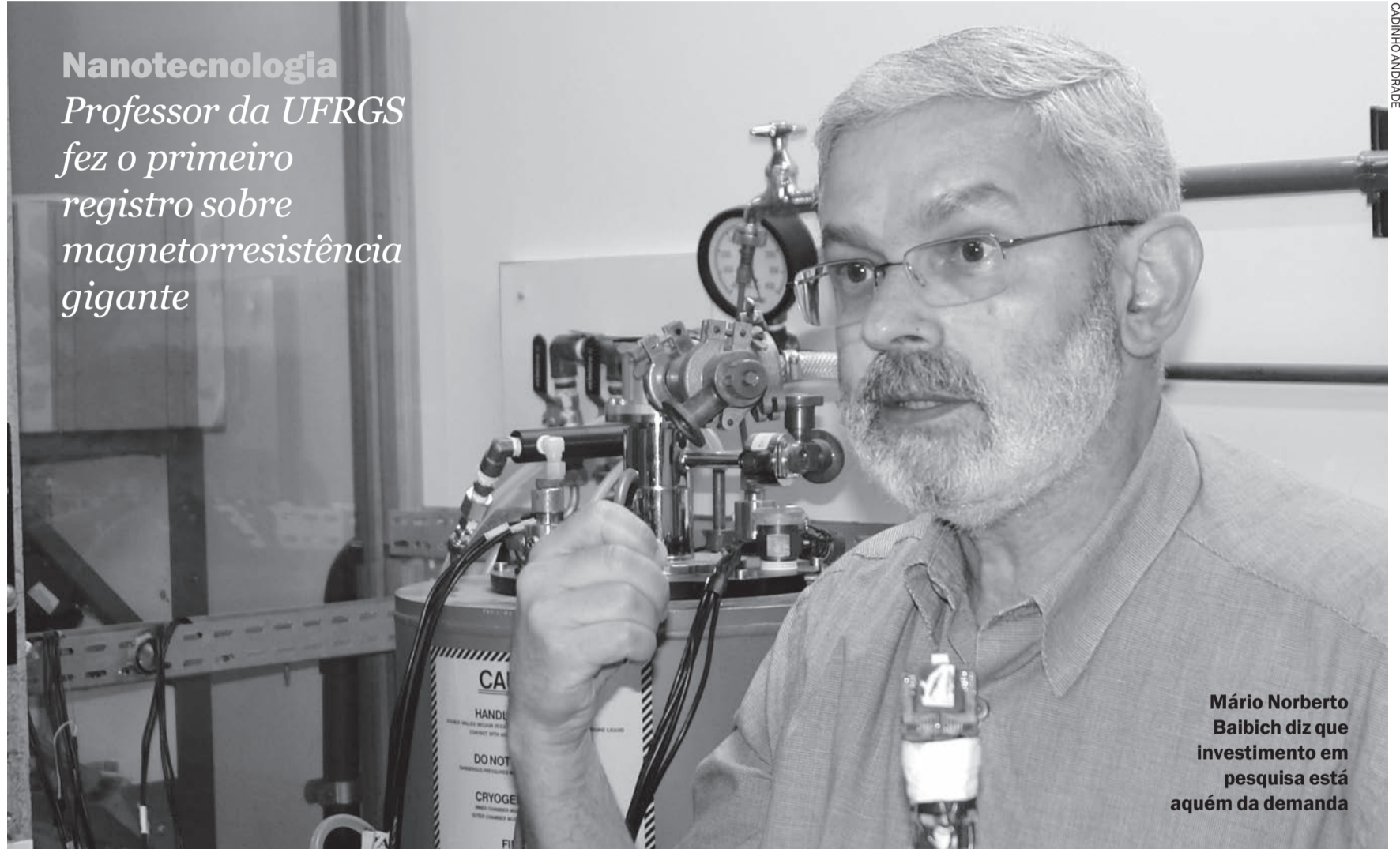
O Prêmio Nobel de Física de 2007 agraciou Albert Fert (França) e Peter Grünberg (Alemanha), pela descoberta da magnetorresistência gigante (MRG). Em 1988, o físico brasileiro, professor e pesquisador da UFRGS, Mário Norberto Baibich, foi o autor do primeiro registro sobre o fenômeno no laboratório de Albert Fert, na Universidade de Paris-Sul, em Orsay, França, onde trabalhava durante seu pós-doutorado.

Já em 2003, quando os nomes de Albert, então chefe do laboratório francês e Peter, foram cogitados para o Nobel de Física, Baibich comentou à reportagem do informativo do Instituto de Informática da UFRGS: “O Nobel não é um prêmio para quem escreveu primeiro sobre determinado tema. Fico satisfeito se algum deles ganhar”. Especialmente convidado, o pesquisador brasileiro comparecerá à cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Física de 2007 no dia 10 de dezembro, em Estocolmo, na Academia Real de Ciências da Suécia.

Na UFRGS, os estudos de magnetorresistência gigante começaram em 1989, quando Mário voltou da França. De acordo com ele, embora a pesquisa no Brasil seja muito ativa, os investimentos no setor não correspondem à demanda. Isso ocorre por dois motivos: a descontinuidade de financiamento, devido à alternância no poder central, e a falta de participação da iniciativa privada. “Teríamos que receber incentivo para projetos mais ousados,” pondera. Embora o Instituto de Física da Universidade desenvolva prioritariamente pesquisa básica, já começam a ser encaminhadas pesquisas aplicadas, ainda que de forma incipiente e com investimentos bastante acanhados por parte de empresas. Ele destaca outro aspecto que emperra os investimentos privados na área científica brasileira: “Para os empresários, pesquisa é desenvolvimento de produtos”. Segundo o físico, esta é uma visão reducionista, pois a pesquisa científica constrói conhecimentos que poderão contribuir para, entre outras coisas, o desenvolvimento de produtos.

Quanto ao Prêmio Nobel de Física, Baibich acredita que a participação de um físico brasileiro na pesquisa premiada contribuirá para dar visibilidade a um campo do conhecimento que vem saindo do anonimato nos últimos anos. “Normalmente, nossa área sofre em função do ostracismo.” O professor diz que isto ocorre porque as pessoas não conhecem o que se faz no Instituto de Física da UFRGS, onde são desenvolvidas pes-

**Nanotecnologia**  
Professor da UFRGS fez o primeiro registro sobre magnetorresistência gigante



Mário Norberto Baibich diz que investimento em pesquisa está aquém da demanda

quisas de nível internacional e aceitos pesquisadores do mundo inteiro. Conforme o pesquisador, durante muitos anos, o curso de Física ocupou o penúltimo lugar na classificação de candidatos por vaga, “agora já somos o quinto na classificação e o que queremos são alunos melhores”.

**História** – As pesquisas desenvolvidas no laboratório de Albert Fert, em 1988, procuravam medir a magnetorresistência de multicamadas de ferro e cromo, que outros pesquisadores no mesmo grupo tinham usado para determinar o comportamento magnético. O interesse partiu de uma pergunta essencial: o que acontece ao elétron que percorre as diferentes camadas deste “sanduíche” de materiais?

Assim, após uma série de experimentos, os pesquisadores notaram que mudanças sutis no campo magnético, em escala microscópica, produziam grandes diferenças na resistência elétrica, ou seja, na capacidade de conduzir eletricidade de certos materiais. Tal descoberta levou-os a perceber a ampla aplicação desse fenômeno em sistemas eletrônicos, que representa uma forma apurada de “leitura” de dados armazenados em discos rígidos. Exemplos desse tipo de informação são os arquivos de música armazenados no novo iPod Classic, que tem até 160 GB de

capacidade de armazenamento.

Depois de apresentar os resultados da pesquisa em duas conferências e ver a repercussão entre os físicos e engenheiros, a equipe de pesquisadores integrada por Baibich escreveu um artigo que foi enviado à revista *Physical Review Letters*. “A verdade é que a descoberta feita em um sistema artificial ganhou vida própria e hoje se testa praticamente qualquer coisa em relação à sua resposta ao campo magnético externo. Sabemos até de cálculos afirmando que o DNA apresenta o efeito da magnetorresistência gigante.”

**Laboratórios num chip** – Usando marcadores magnéticos que se ligam a células específicas, estão sendo desenvolvidos bio-sensores baseados em MRG que são capazes de detectar com rapidez a presença de bactérias ou vírus em amostras biológicas, como sangue humano, por exemplo. É o que se chama de “*lab on a chip*” (ou laboratório num chip): “As vantagens são imensas”, afirma Baibich.

Na esteira desse sucesso, o tunelamento quântico magnético, conhecido desde os anos 70, voltou a ser estudado em termos de magnetorresistência gigante. O tunelamento quântico magnético é um efeito que não pode ser explicado pela Física clássica, e consiste na passagem de

elétrons de um lado a outro de uma barreira de potencial sem passar por cima, como seria feito classicamente, mas sim passando por dentro da barreira, isto é, “tunelando”.

Atualmente, existe uma série de aplicações muito interessantes, como as memórias RAM magnéticas (RAM vem de *Random Access Memory*, a memória de acesso do computador), que são não-voláteis. Isso quer dizer que não precisam de energia para conservar a informação e, assim, desligar uma memória RAM magnética não apaga a memória. Assim, ao ligar o computador de manhã, vamos encontrar imediatamente o processo que estava sendo executado ontem na hora de desligar: “Adeus ao processo de desligar o computador e religá-lo, buscando o sistema operacional e os programas de interesse no disco rígido”. Da mesma forma, a memória de um telefone celular não vai exigir tanto da bateria, fazendo com que esta ganhe em durabilidade e eficiência. Baibich lembra que essas memórias também são mais rápidas que as RAM atuais.

“Ainda não dá pra ir até a esquina comprar uma memória RAM magnética”, brinca o pesquisador, mas elas já existem no mercado, mesmo que a preços elevados, e são usadas principalmente em aplicações bélicas, industriais e aeroespaciais. O desenvolvimento desse tipo de aplicação já

entra no que se chama hoje de spintrônica ou magnetoeltrônica.

Na spintrônica usa-se não só a carga do elétron, como na eletrônica convencional, mas também sua propriedade magnética, que é o *spin*. A lógica que pode ser desenvolvida com mais esse parâmetro promete revolucionar a arquitetura de computadores. Um dos resultados disso é a classe de dispositivos chamados de *morphware*, ou portas lógicas que mudam de função por meio de *software*. As consequências disso são limitadas apenas pela imaginação dos engenheiros que lidam com esses materiais.

Resumindo, o físico destaca que, tanto o conceito da magnetorresistência gigante quanto suas aplicações tornaram-se uma verdadeira coqueluche, e as referências ao artigo original o tornaram o sexto mais citado da história da *Physical Review Letters*, assim como o número de patentes envolvendo o fenômeno não pára de crescer. “Se você me perguntar como é que o Brasil está nessa corrida, as notícias são boas: temos gente muito qualificada trabalhando nas mais diversas ramificações da pesquisa em Física e marcamos presença em nível internacional.” Entretanto, Baibich salienta que ainda faltam aplicações desenvolvidas no país para completar o ciclo, “o que é um desafio a ser vencido num futuro não muito distante”.

## Entenda o fenômeno descoberto pelos pesquisadores

Magnetorresistência é a mudança da resistência em materiais quando se aplica um campo magnético. Com essa definição e com valores alcançando no máximo 4,5% do total, a magnetorresistência vinha sendo usada em algumas aplicações industriais.

“O que descobrimos é que, quando as magnetizações estavam ordenadas umas contra as outras, a resistência era grande. Quando se aplicava um campo magnético e forçava as

magnetizações a ficarem apontando para a mesma direção, a resistência era menor, muito menor”, explica o professor e pesquisador do Instituto de Física da UFRGS, Mário Norberto Baibich. A magnetorresistência gigante (GMR, da sigla em inglês) é justamente isso, o efeito de reduzir a resistência por meio do ordenamento magnético em uma estrutura de alguma forma alternada. O processo é o seguinte:

– Num condutor elétrico de metal,

os elétrons se movem de forma livre – ou quase livre. Pequenas impurezas e imperfeições na estrutura do metal fazem com que os elétrons sejam rebatidos (fenômeno causador da resistência elétrica).

– Num material magnético, outra propriedade dos elétrons influencia a resistência: o *spin*, uma espécie de “rotação” intrínseca dessas partículas. Se o *spin* dos elétrons aponta na mesma direção que a magnetização do

material, eles fluem com facilidade; se apontar na direção contrária, eles tendem a ser rebatidos.

– Os ganhadores do Nobel aprenderam a manipular essa propriedade do *spin*, criando minúsculas camadas de metal condutor, separadas por uma camada muito pequena de material não-condutor.

– Se a magnetização das duas camadas está no mesmo sentido, os

elétrons com *spin* “certo” passam com facilidade por todo o sistema. A resistência é baixa e a corrente, alta. No entanto, se as duas camadas têm magnetização em direções opostas, todos os elétrons terão *spin* “errado” em pelo menos uma delas, ricocheteando e sofrendo grande resistência. Essas variações “lidas” pelo computador podem ser interpretadas como a linguagem binária 1 (passagem de corrente) e 0 (não passagem de corrente), armazenando dados.

Fonte: site Globo.com



# Uma experiência coletiva

## Depoimento

*Iniciativa de artistas da capital mostra que cooperação é o caminho para divulgar seus trabalhos*

Leandro Selister\*

27 de agosto de 2007, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, bairro Moinhos de Vento, Moinhos Shopping, praça de alimentação, discursos, mais de 450 pessoas, luzes, desfile de obras de arte: *Os estranhos vestíveis*, muitos aplausos. Iniciava-se assim oficialmente a Bienal B.

Na noite de abertura, entre agradecimentos e uma imensa alegria de estar participando ativamente desse momento, citei o professor e geógrafo Milton Santos (1926-2001) que, ao responder uma pergunta sobre como viver em um mundo apressado como o nosso e criticá-lo ao mesmo tempo, disse: *“O que se pode fazer é viver apressado, para garantir a subsistência, mas sem perder de vista a construção de um sonho. É o sonho que obriga o homem a pensar.”*

Sonhar, pensar e construir, três palavras que representam muito para a Bienal B, um evento que se propôs a realizar cerca de 70 exposições, contemplando mais de 300 artistas em 40 espaços da cidade, mostrando alguns deles pela primeira vez, em um curto período de tempo – apenas três meses.

## O começo

No início deste ano, o *site* da Bienal B entrou no ar, convocando todos os artistas interessados em expor seus trabalhos durante os meses de setembro, outubro e novembro. A inscrição era simples e rápida, bastando enviar por e-mail o currículo e imagens de três trabalhos. Em troca, o artista seria incluído na página do evento e informado sobre todas as novidades, prazos, montagens, eventos etc. A única certeza era que não existiam verbas, mas aquele velho sonho de construir algo novo e esse era o maior valor que possuíamos.

Em pouco tempo, a quantidade de inscrições e adesões cresceu, parceiros surgiram, a mídia foi descobrindo e revelando que alguma coisa muito diferente estava por acontecer em Porto Alegre. Diferente porque dependia de todos. Diferente porque ao mesmo tempo em que muitos não se conheciam, as redes começavam a se formar, e, no final do período de inscrições, o número de interessados ultrapassava a marca de 300 artistas.

Encerradas as inscrições, teve início a segunda etapa do processo – a seleção dos artistas. Gaby Benedict, artista plástica e articuladora geral da Bienal B, convidou para essa tarefa André Venzon, artista plástico e presidente da Associação Francisco Lisboa; Isabel de Castro, artista plástica e professora do Instituto de Artes da UFRGS e EPM; além de mim, artista plástico e editor do *site* Artewebbrasil. A intenção de Gaby era discutir quais seriam os artistas selecionados. Naquele momento, o consenso foi de que nenhum dos inscritos seria excluído da mostra, pois na avaliação geral, o que realmente importava era o fato de que todos pudessem participar e viver esse momento. Os riscos e críticas dessa decisão eram inevitáveis, mas pretendíamos proporcionar aos artistas o exercício real de um grande trabalho em grupo, de uma colaboração entre todos, exercer enfim, aquela velha história: *“se cada um fizer a sua parte, tudo vai funcionar”*. Hoje, com dois meses de exposições, podemos perceber que a decisão daquele momento foi a mais certa e que estamos construindo todos os dias a Bienal B.

## Ação educativa

A Bienal B também teve a preocupação de discutir temas ligados à arte através de projetos como Papo Arte, no bar Joy Division, no qual encontros semanais coordenados por Lisiane Rabello discutiram a experiência co-



Estranhos vestíveis movimentaram os corredores do Moinhos Shopping

# Bienal B

tidiana que todos temos com a arte, aproveitando a opinião de convidados e artistas; e o Língua de Artista, projeto de encontros quinzenais, informais e dinâmicos realizados na praça de alimentação do Moinhos Shopping com a coordenação de Isabel de Castro. O público tem comparecido e participado desses encontros, provando mais uma vez que para pensar e discutir o importante é a vontade efetiva de fazer isso.

## Arte engajada

Uma estrutura de ferro, uma espécie de jaula, situada no primeiro andar do Moinhos Shopping, chamou a atenção e mudou a rotina dos frequentadores do centro de compras. Tratava-se da obra *Lar doce lar*, de Cláudio e Beto, os CowBees. Ao abdicarem da privacidade de suas vidas, o casal se propôs a ficar literalmente trancado na jaula pelo período de 12 horas diárias durante 32 dias. Através de um computador os artistas relatavam diariamente a experiência em um *blog* na internet (<http://www.cowbees.com/>) permitindo ao público acompanhar o que eles estavam vivendo e sentindo com a experiência. Dois fones de ouvido e dois aparelhos de CD portáteis permitiram às pessoas que visitavam o shopping escutar a música *Lar doce lar*, que dá nome ao trabalho. Através de uma letra irônica e bem humorada e de uma apresentação final com muita emoção, os CowBees trataram de um assunto pertinente e urgente: a violência urbana. Criaram uma obra de arte que não passou despercebida e que sensibilizou o público. Uma obra que nos colocou frente a frente com imposições que sofremos de uma sociedade injusta e

desigual e que, muitas vezes, não percebemos. Uma obra que convida à reflexão e à atitude. Como diz a letra: *“... Que felizes vamos ser, na nossa doce prisão, não sairemos nunca mais, do planeta solidão”*.

## Os parceiros

Não poderia deixar de comentar sobre as parcerias que foram sendo construídas, e que certamente continuarão a existir e a se fortalecer para a próxima edição da Bienal B em 2009. Começando pelos 40 espaços expositivos que receberam as exposições num gesto que demonstra o entendimento e o apoio a nossa proposta. O Shopping Moinhos, carinhosamente conhecido como o nosso âncora expositivo. Os patrocinadores individuais de cada artista incentivando-os a mostrarem seus trabalhos. O apoio da Fundação Bienal do Mercosul, que possibilitou a impressão de 40 mil mapas da Bienal B, onde constam todos os endereços, apoiadores e artistas e a incrível campanha publicitária concebida pela Paim Comunicação com a chamada que traduz tudo aquilo que acreditamos: Bienal B – Outras Perspectivas. Sem a colaboração e o envolvimento desses parceiros, não teríamos conseguido realizar nada disso.

Para terminar ou querendo começar tudo de novo... É difícil avaliar um evento como a Bienal B, ainda tão novo, mas nem por isso, menos contundente e forte. Estou envolvido com ele desde o início. Acredito muito, por que sonhei que seria possível algo assim acontecer em Porto Alegre. Quando a última exposição encerrar vamos novamente nos preparar para sonhar, pensar e construir a próxima Bienal B, mas com uma diferença fundamental: estaremos mais maduros e experientes. Para terminar essa breve história, deixo aqui um dos anagramas criados para a campanha publicitária da Bienal B e que certamente será o sentimento de todos aqueles que estiveram envolvidos na construção desse projeto: te dar adeus – ter saudade.

\* Articulador de espaços da Bienal B, artista plástico e editor do *site* Artewebbrasil

## Resenhas

Por Caroline da Silva

## Ultrapassar limites

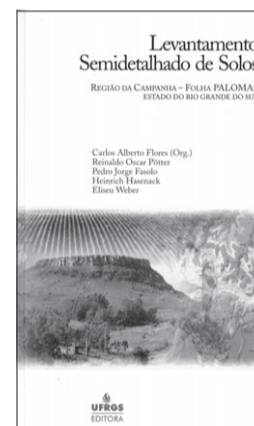
A obra traz as palestras e debates apresentados no evento homônimo ocorrido em agosto de 2003, promovido pela Pró-reitoria de Extensão e Instituto de Letras da UFRGS. “Às vezes a Universidade fica muito afastada do cotidiano da sala de aula do ensino fundamental e médio, ela acaba criando uma redoma de vidro ao redor de si mesma, desconhecendo, assim, essa realidade”. A afirmação da professora Teresinha Fávero traduz a urgência de novos conhecimentos para as práticas pedagógicas, que a academia teria obrigação de abordar na formação de seus profissionais. Os textos são uma tentativa de perpassar a “redoma”, como afirma a organizadora Graciela Quijano.



JORNADA DE EDUCAÇÃO POPULAR Ed. UFRGS, 2007, 102 págs., R\$ 9,60\*, organizado por Graciela Reyna Quijano

## Identificando potenciais

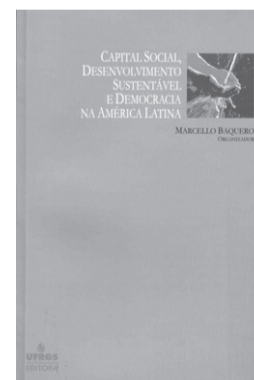
O livro é um dos produtos do projeto Zoneamento Vitícola para o Rio Grande do Sul, desenvolvido através de convênio entre a UFRGS e o Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), com o objetivo de identificar o potencial natural do clima, do solo e do relevo de diferentes regiões do estado. Segundo o organizador da publicação, a atividade de produção vitivinícola precisa otimizar seu sistema produtivo para manter-se competitiva, já que os levantamentos de solos existentes até então não apresentavam informações suficientes para o planejamento agrícola de propriedades, cadastros rurais e projetos de colonização. A folha Palomas, inserida na região fisiográfica da Campanha, é o primeiro produto do mapeamento de solos desse projeto, resultado da junção de metodologias convencionais de levantamento de solos com ferramentas de geoprocessamento. O livro é acompanhado de um CD com a carta do levantamento no formato PDF.



LEVANTAMENTO DETALHADO DE SOLOS Ed. UFRGS, 2007, 94 págs., R\$ 24\*, organizado por Carlos Alberto Flores

## Culturas políticas

Pensando no recente sistema democrático da América Latina, iniciado na década de 80, pesquisadores de áreas afins a essa temática investigaram formas de lidar com o fenômeno oriundo desse curto período de abertura política. No continente, verifica-se a convivência entre uma democracia formal e a desigualdade social. Faz-se necessária, então, a discussão do papel do capital social nesse processo, como mecanismo capaz de produzir relações de reciprocidade entre diferentes níveis de governo e atores políticos e sociais, fundadas na confiança mútua. Os artigos presentes no livro são análises divergentes de uma pesquisa realizada em três capitais latino-americanas (Porto Alegre, Montevideu e Santiago do Chile) no ano de 2005. Os realizadores destacam a evidência uma distante teoria universal que explique as desigualdades sociais nesse contexto.



CAPITAL SOCIAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA Ed. UFRGS, 2007, 221 págs., R\$ 16\*, organizado por Marcelo Baquero

\*Preços nas Livrarias da UFRGS ([www.livraria.ufrgs.br](http://www.livraria.ufrgs.br))



# Cinquentão renovado

## Teatro

**DAD comemora aniversário com montagem de peça inédita nos palcos gaúchos**

Ânia Chala

Menos de dois meses depois que a Rádio da Universidade fez sua primeira transmissão, nasce, na antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, o Curso de Arte Dramática, uma das escolas de teatro pioneiras no Brasil. Criado em 30 de dezembro de 1957, o curso tinha como finalidade a formação de atores e, dez anos mais tarde, seria transformado em Centro de Arte Dramática (CAD), passando a formar também diretores de teatro e professores de arte dramática. Era a época de mestres como Gerd Bornheim e das grandes mobilizações estudantis. Veio a ditadura, a repressão, os expurgos de professores e, em 1971, a Reforma Universitária, que desligou o CAD da Faculdade de Filosofia. O Centro foi integrado ao Instituto de Artes com a denominação de Departamento de Arte Dramática (DAD) e continuou a oferecer os cursos de Bacharelado em Direção Teatral e Interpretação Teatral e Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas.

Até os anos 70, o Departamento desenvolveu uma prática de realização de espetáculos dirigidos por professores e atuados por alunos, alcançando grande notoriedade no meio cultural e intelectual de Porto Alegre. Na década seguinte, a carência de verbas da Universidade e a falta de incentivos por parte de instituições ligadas à cultura tornaram os espetáculos do DAD limitados aos trabalhos de graduação de alunos, cumprindo o número mínimo de apresentações e depois encerrando suas atividades. Apesar disso, vários desses espetáculos entram em temporada na cidade, e recebem o reconhecimento da comunidade e da crítica, conseguindo sucesso e conquistando premiações.

Próximo de completar 50 anos, o DAD prepara uma programação especial para celebrar o aniversário ao mesmo tempo em que comemora a implantação de seu curso de mestrado em Artes Cênicas, cujas aulas terão início em março de 2008.

**Teoria e prática lado a lado** – Para a professora Inês Alcaraz Marocco,



Atores foram selecionados entre os alunos de Interpretação Teatral

chefe-substituta do Departamento de Arte Dramática, a criação do mestrado aliada à mudança no currículo, ocorrida em 2004, representa uma evolução. “Nossos alunos vêm de um curso fundamentalmente prático, no qual precisam atuar e dirigir desde o primeiro semestre. O antigo currículo oferecia uma formação mais informativa do que formativa. Com a mudança, procurou-se unir essas duas pontas.” Um exemplo disso, segundo ela, é o funcionamento das disciplinas de Direção e de Interpretação Teatral no mesmo horário: “desa forma, os futuros diretores precisam dirigir aquele grupo de alunos que está cursando a disciplina de Interpretação, ou seja, aprendem a lidar com eventuais dificuldades de entrosamento, como acontece na vida real. Isso tem sido bastante positivo para a formação desses estudantes”, conclui a professora.

Integrante do Departamento desde 2000, Inês acredita que o DAD vem se consolidando não só pela qualidade dos profissionais que forma, como também pelos projetos

que desenvolve nas áreas de extensão e da iniciação científica, como os cursos de extensão *Corpo, Voz e Ação* e *Interpretação Teatral*, coordenados pela professora Ana Cecília Reckziegel, e o projeto *Teatro, Pesquisa e Extensão*. Além disso, ela destaca que o teatro profissional de Porto Alegre é feito praticamente por atores e diretores formados pelo Departamento. “É comum que peças nascidas aqui no DAD depois façam o circuito das salas comerciais da capital. Um exemplo recente é o espetáculo *O santo guerreiro*, resultado de dois anos de pesquisa desenvolvida pelo professor de interpretação Xico de Assis, lançado no projeto *Teatro, pesquisa e extensão*.”

**Investimento em recuperação** – O Departamento dispõe de dois espaços para ensaios e apresentações teatrais: a Sala Qorpo Santo, localizada no Campus Centro, junto ao cinema universitário Sala Redenção; e a Sala Alziro Azevedo, situada na avenida Salgado Filho, 340, que já está com um projeto de recuperação aprovado

pela Secretaria de Patrimônio Histórico da UFRGS. “O prédio da Alziro Azevedo deverá ser totalmente restaurado e terá sua capacidade de público ampliada”, informa a professora Inês. A Sala Qorpo Santo pertence à Pró-reitoria de Extensão e mantém uma agenda de ocupação na qual procura atender todas as necessidades de uso do espaço para ensaios e apresentações do DAD.

Além das apresentações com entrada franca, os espaços têm servido para sessões dirigidas a alunos dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, numa tentativa de formar público. No entanto, a professora entende que a formação de platéia, o desenvolvimento do gosto pelo teatro cabe também à Licenciatura em Artes Dramáticas. De acordo com Inês, o mercado de trabalho na área das artes cênicas está em expansão. “Hoje temos possibilidade de estágios em centros culturais, além de trabalhos em produções locais de teatro, cinema e televisão. Quando se gosta do que se faz, os obstáculos são todos superáveis”, diz a professora.

## Yvonne, princesa da Borgonha

Direção: Irion Nolasco  
Coordenação do projeto de montagem: Inês Alcaraz Marocco  
Assistentes de direção: acadêmicos Leônidas Rübénich e Daniel Fraga  
Elenco: alunos do DAD  
Figurinos: Rosângela Cortinhas  
Montagem e operação da luz cênica: Bathista Freire e equipe  
Produção executiva: Ivana Dalle Molle

### SALÃO DE ATOS

Apresentações: 24 e 25 de novembro, 21h  
Ingressos: entrada franca para alunos da UFRGS, R\$ 10 para público em geral (desconto de 20% para Clube do Assinante ZH)

### THEATRO SÃO PEDRO

Apresentações: 30 de novembro, 1º e 2 de dezembro  
Horários: Dias 30 e 1º, às 21h; no domingo, às 18h  
Ingressos: R\$ 25 platéia (desconto de 50% para estudantes e Clube do Assinante ZH)

## Texto de autor polonês expõe a feiúra de todos nós

Um conto de fadas às avessas: em um reino imaginário, o príncipe encontra uma jovem extremamente feia, desajeitada e muda. Imediatamente, ele e seus amigos passam a hostilizá-la. A brincadeira perversa transforma-se em provocação e o príncipe acaba pedindo a mão da jovem em casamento. Ele a leva ao palácio, onde ela se torna o espelho da feiúra de cada um. Assim pode-se resumir o enredo do espetáculo *Yvonne, a princesa de Borgonha*, atividade que dá início às comemorações do cinquentenário do Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Inédita nos palcos gaúchos, a montagem estréia

no dia 24 deste mês, no Salão de Atos, com direção do professor Irion Nolasco e atuação de alunos do DAD.

A peça baseia-se num texto homônimo do escritor e ensaísta polonês Witold Gombrowicz (1904-1969), autor que teve duas obras publicadas no Brasil: *Bakakai* (1968, tradução de Álvaro Cabral) e *Pornografia* (1970, tradução de Flávio Moreira da Costa), ambas pela Editora Expressão e Cultura, do Rio de Janeiro. Tendo escapado da invasão da Polônia pelos nazistas por um golpe de sorte, Gombrowicz viveu durante 24 anos na capital Argentina, amargando a indiferença do meio literário. Em

1950, com a tradução de seu livro *Ferdidurke* para o francês, finalmente tornou-se alvo de admiração dos críticos literários e de escritores famosos. Apenas dois anos antes de morrer, em 1967, ganhou o Prêmio Internacional de Literatura.

Irion conta que descobriu o texto do autor polonês numa livraria de Buenos Aires especializada em textos teatrais, na década de 70. “Fiquei intrigado e logo achei uma relação com Shakespeare, já que a peça é na verdade uma paródia de Hamlet. Gombrowicz tornou-se um dos meus escritores favoritos. Gosto do sarcasmo, do senso crítico agudo, do

deboche e do distanciamento sobre si mesmo. Na verdade a obra dele é sobre ele mesmo.”

Para o professor, a personagem de Yvonne é fascinante por expor o que as pessoas têm de mais agressivo, grotesco e falso. “Admiro textos com uma visão crítica do ser humano, porque não sou muito otimista em relação à nossa espécie. Acho que a humanidade evoluiu de forma impressionante em termos de técnica e de ciência. Mas o homem pegou um desvio nessa evolução e não consegue harmonizar-se com o outro, que sempre é visto como ameaça e inimigo em potencial”, ressalta.

Responsável, ao lado de sua mulher Maria Lúcia Raymundo, pela criação do curso de Artes Cênicas da UFSM, em 1979, Irion diz não acreditar que o teatro possa mudar a cabeça das pessoas. “O teatro nos toca, mas não provoca a ação reformadora propriamente dita. A arte pertence à esfera do inútil, do efêmero e não tem que servir para nada. Ela só tem que te tocar emocionalmente e comunicar algum tipo de emoção. Mesmo na época da ditadura em que fazíamos teatro político, jamais acreditei que pudéssemos mudar o pensamento das pessoas. Tanto não mudou que hoje estamos desse jeito”, conclui o professor.

► **Redação** Juliano Tatsch | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE

# A Imprensa como fonte histórica

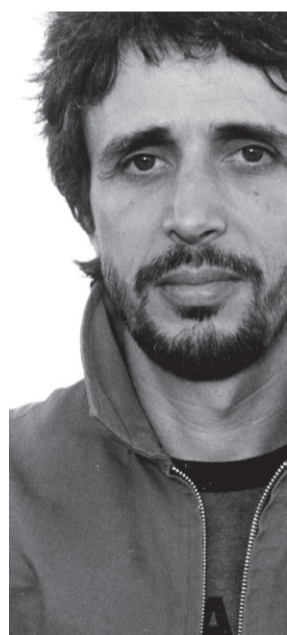
### Evento aborda a importância do jornalismo no estudo da História

Entre os dias 20 e 22 deste mês, o Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, em parceria com o grupo de pesquisa CNPq - Grupo de Estudos Americanos e Departamento de História da UFRGS, promove o colóquio *Fontes Periódicas: Imprensa política e cultural latino-americana*. O evento terá quatro eixos temáticos: questões teórico-metodológicas para análise de publicações, a imprensa operária, revistas culturais e empreendimentos editoriais da esquerda latino-americana. Serão apresentados

dez trabalhos que tratam de questões históricas, tendo como base veículos de imprensa. Segundo a organizadora do colóquio, professora Cláudia Wasserman, o objetivo é discutir a metodologia de utilização de periódicos como fonte histórica, quais os filtros e procedimentos que o historiador tem que utilizar, o que procurar e quais as perguntas possíveis de responder a partir dessas fontes. Para a professora, a imprensa tem papel importante no estudo histórico. "Pode fornecer muitas pistas para a pesquisa histórica, desde a forma como aborda determinados acontecimentos, até no âmbito dos comportamentos sociais e culturais de cada época. O periódico pode, nesse sentido, ajudar



a captar o que chamamos de 'espírito da época', não apenas através do seu conteúdo, mas da propaganda, do preço, da quantidade de assinantes etc.", conclui. A atividade será realizada no Pantheon do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, no Campus do Vale, das 10h às 12h e das 14h às 16h. As inscrições podem ser feitas na secretaria do Programa de Pós-graduação em História (Av. Bento Gonçalves, 9.500, prédio 43.311, sala 114). Alunos do Programa são isentos e os demais participantes pagam R\$ 30. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 3308-6639 ou através do site [www.ufrgs.br/ppghist/ eventos.htm](http://www.ufrgs.br/ppghist/ eventos.htm).



## MÚSICA

### Projeto Unimúsica

**ENCONTRO COM VITOR RAMIL**  
O jornalista Juarez Fonseca entrevista Vitor Ramil, que compartilha suas reflexões sobre a música popular brasileira, sua trajetória artística e seus projetos. A entrevista será transmitida ao vivo, pela Rádio da Universidade (1.080 AM).  
Data: 5 de dezembro, quarta-feira  
Local e horário: Estúdio principal da Rádio da Universidade, às 17h30min  
Inscrições no Museu da UFRGS com vagas limitadas e entrada franca

**VITOR RAMIL APRESENTA "NA LINHA DE BARBOSA LESSA"**  
O cantor e compositor gaúcho realiza espetáculo com canções que fazem uma releitura das obras de Barbosa Lessa.  
Data: 6 de dezembro, quinta-feira  
Local e horário: Salão de Atos, às 19h  
Retirada de senhas no Museu da UFRGS, a partir de 3 de dezembro, das 9h às 18h, mediante a doação de 1kg de alimento não-percível, ou através do agendamento no site [www.museu.ufrgs.br/](http://www.museu.ufrgs.br/)

## ONDE?

SALA QORPO SANTO  
Av. Paulo Gama, s/nº

SALA REDENÇÃO  
Av. Paulo Gama, s/nº

SALÃO DE ATOS  
Av. Paulo Gama, 110

AUDITÓRIO NOVO DO IFCH  
Av. Bento Gonçalves, 9.500 - prédio 43.211

PANTHEON DO IFCH  
Av. Bento Gonçalves, 9.500 - prédio 43.322

RÁDIO DA UNIVERSIDADE  
Rua Sarmento Leite, 426

AUDITORIUM TASSO CORRÊA  
Rua Senhor dos Passos, 248 - térreo

## CURSOS

### Palestras sobre Relações Internacionais

Evento promovido pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais do IFCH, que tem como temas "União Européia: origem e futuro" e "Desenvolvimento econômico e social e o comércio internacional". As palestras ficam a cargo do professor da Universidade de Estocolmo Dr. Örjan Appelqvist.  
Datas: 20 e 27 de novembro  
Local e horário: Auditório Novo do IFCH, das 18h30min às 22h30min  
Atividades abertas ao público. Incrições gratuitas através do site [www6.ufrgs.br/intrel/](http://www6.ufrgs.br/intrel/)

**O ESPAÇO DA MEMÓRIA**  
Conferências com Michel Maffesoli e Antoni Muntadas.  
Data: 4 de novembro, terça-feira

**A LITERATURA E A INVENÇÃO DO MUNDO**  
Conferência com o escritor francês Michel Houellebecq.  
Data: 4 de novembro, terça-feira

## ESPECIAL

### Fronteiras do Pensamento

Seminário Internacional organizado pela Copesul em parceria com a UFRGS, UERGS, Unisinos e PUCRS. O evento, cujas inscrições já estão encerradas, ocorre no Salão de Atos da UFRGS, das 19h30min às 22h. Informações pelo telefone 3333.6476 ou através do site [www.frenteirasdo.pensamento.com.br](http://www.frenteirasdo.pensamento.com.br)

**O ESPAÇO DA MEMÓRIA**  
Conferências com Michel Maffesoli e Antoni Muntadas.  
Data: 4 de novembro, terça-feira

**A LITERATURA E A INVENÇÃO DO MUNDO**  
Conferência com o escritor francês Michel Houellebecq.  
Data: 4 de novembro, terça-feira



## CINEMA

### Segunda no cinema

Promoção da Adufrgs, dentro da programação comemorativa aos 30 anos da entidade.

**FELIZ ANO VELHO** (Drama, Brasil, 111 min., 1987), de Roberto Gervitz. A trama fala de Mário, um jovem estudante que dá adeus à sua adolescência ao mergulhar e bater a cabeça em uma pedra no fundo de um lago, tornando-se tetraplégico. Preso a uma cadeira de rodas, o que parecia difícil fica pior e o rapaz começa a reviver momentos de seu passado.  
Data: 19 de novembro, segunda-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

### Cinema italiano na UFRGS

**ASSIM É QUE SE RIA** (Comédia, Itália, 124 min., 1998), de Gianni Amelio. O filme conta a história de dois irmãos sicilianos que chegam a Turim e enfrentam as transformações da Itália no final da década de 50. Sessão seguida de debate.  
Data: 23 de novembro, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

**PARA SEMPRE NA MINHA VIDA** (Drama, Itália, 83 min., 1999), de Gabriele Muccino. Em Roma, estudantes entram em greve e ocupam seu colégio quando descobrem que o Estado pretende privatizá-lo. Filme seguido de debate.  
Data: 30 de novembro, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

**A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO** (Drama, Itália, 115 min., 1971), de Elio Petri. O drama, que foi premiado com a Palma de Ouro em Cannes, conta a história de um operário-modelo italiano dividido entre os sonhos de consumo da classe média e os movimentos de protesto de sua categoria. Debate no final da sessão.  
Data: 6 de dezembro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

### A História vai ao cinema com Aplicação - Contemporânea

Exibições de filmes sobre diversos períodos históricos promovidas pelo Colégio de Aplicação da UFRGS. Sessões seguidas de debates com professores convidados. Ingressos a R\$ 2,50 no local. Informações pelo telefone 3308-3436.



**DIAMANTE DE SANGUE** (Aventura, EUA, 138 min., 2006), de Edward Zwick. Os destinos de um mercenário e de um escravo unem-se depois que o este encontra um raro diamante em Serra Leoa.  
Data: 21 de novembro, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

**QUANTO VALE OU É POR QUILO** (Drama, Brasil, 110 min., 2005), de Sérgio Bianchi. Crítica à exploração da miséria pelo marketing social, que forma uma solidariedade de fachada.  
Data: 28 de novembro, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

## TEATRO

### Oco



Apresentação para o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. A peça é um espetáculo solo de Fabrício Fabris, que interpreta um homem brutalizado pelo trabalho e pela vida urbana.  
Apresentações: 21 e 28 de novembro, às quartas-feiras  
Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min  
Entrada franca mediante retirada de senhas no local, uma hora antes de cada sessão

### III Ciclo do GEERGE - Gênero e sexualidade em debate

A Sala Redenção, em parceria com o GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero propõe um terceiro ciclo de filmes e debates em torno da diversidade nas formas de viver os gêneros e as sexualidades. Sessão seguida de debate.



**VOLVER** (Drama, Espanha, 121 min., 2006), de Pedro Almodóvar. Mulher trabalhadora busca meios de salvar sua filha, após ela ter matado o pai que tentou abusar sexualmente dela.  
Data: 29 de novembro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min  
Entrada franca

### Figurações de gênero no cinema contemporâneo

A atividade é uma iniciativa dos alunos do curso de Letras da UFRGS. Os filmes selecionados buscam suscitar uma discussão sobre a pluralidade de identidades que desestabilizam certos valores hegemônicos.

**MAUS HÁBITOS** (Comédia, Espanha, 107 min., 1983), de Pedro Almodóvar. A aventureira Yolanda sofre o drama de perder o noivo, morto por overdose. Perseguida pela polícia, se refugia em um convento. Porém, entre as irmãs encontra a mesma vida que conhecia no mundo exterior.  
Data: 21 e 23 de novembro, quarta e sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min.  
Entrada franca

### Romance anglo-americano

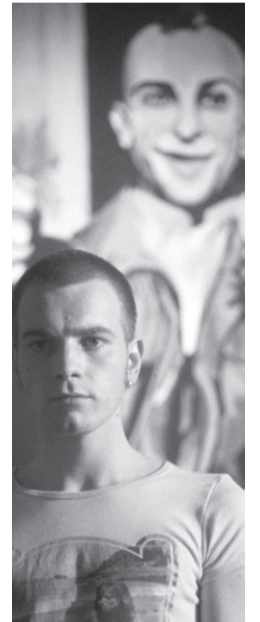
Ciclo que exhibe produções baseadas em romances de língua inglesa. Sessões seguidas de debates com professores e alunos do Instituto de Letras da UFRGS. Entrada franca

**OSCAR E LUCINDA** (Romance, EUA, 131 min., 1997), de Gillian Armstrong. O encontro entre um religioso e uma mulher de negócios muda a vida de ambos.  
Data: 20 de novembro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Debatedor: Ian Alexander

**FRANKWEENIE** (Ficção/Comédia, EUA, 29 min., 1984), de Tim Burton. Garoto que sofre com a morte de seu cãozinho decide estudar formas de ressuscitá-lo e acaba descobrindo a história de Frankenstein.  
Data: 27 de novembro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Debatedora: Jaqueline Donada

**FRANKENSTEIN** (Drama/Ficção Científica/Terror, EUA, 71 min., 1931), de James Whale. Cientista cria monstro a partir de cadáveres humanos e perde o controle sobre sua criação.  
Data: 27 de novembro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Debatedora: Jaqueline Donada.

**TRAINSPOTTING** (Drama, Escócia, 96 min., 1996), de Danny Boyle. Num subúrbio de Edimburgo, quatro jovens sem perspectivas mergulham no submundo para manter seu vício pela heroína.  
Data: 4 de dezembro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Debatedora: Fabiane Lazzaris



**NUNCA TE VI, SEMPRE TE AMEI** (Romance, EUA, 100 min., 1987), de David Hugh Jones. Escritora envia carta a uma pequena livraria e é atendida por um dedicado livreiro, iniciando troca de correspondências que se estende por anos.  
Data: 11 de dezembro, terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 13h30min  
Debatedora: Ana Rocha

Jacira Cabral da Silveira

DEPOIS DE NEGOCIAR COM A MÃE O CARDÁPIO DO CAFÉ da manhã, suportar a aveia para comer ovos fritos, Flávio saía rumo ao Instituto de Educação, onde estudava. Sempre que coincidia o turno escolar, Darwin, o irmão quatro anos mais velho, ia com ele. Mas aos seis anos Flávio já era um típico morador de Porto Alegre, onde chegou com oito meses, quando a família mudou-se de Santa Maria para a capital.

Era início da década de 60 e, no apartamento dos Oliveira, esquina da Riachuelo com a Vasco Alves, havia aquele cheirinho de comida gostosa e o som permanente de rádio tocando música clássica. Tal gosto refinado por certo nasceu quando dona Ivalda estudou música na escola da Cooperativa da Viação Férrea, uma das potências de Santa Maria na época em que o avô materno de Flávio era conferente de contas. Geralmente, dona Ivalda ouvia a Rádio da Universidade durante o trabalho de casa, tempo em que as transmissões da emissora ainda eram em ondas curtas.

À noite, depois da dupla jornada de trabalho como professor e bancário, era a vez de seu Carlos ouvir rádio no quarto e descansar depois de jantar com a família. Ele dava aulas de História e Geografia no Colégio Júlio de Castilhos e, tempos depois, foi contratado para o Departamento de Geociências da UFRGS, onde trabalhou até os 70 anos. Desde pequenos, os meninos ficavam encantados com as conversas do pai, conhecimentos que no futuro iam se transformar no estudo que restituiu ao Guaíba a designação de lago, pesquisa de 79 e que hoje é referência no Atlas Ambiental de Porto Alegre.

Também destas noites junto ao pai, Flávio lembra ter escutado pela primeira vez a sinfonia Brinquedos, composta pelo pai de Mozart. Deslumbrado, se aproximou do seu Carlos e tentou abrir o rádio para ver onde estavam os homenzinhos que tocavam lá dentro. À época, tinha três anos e ainda morava no primeiro endereço na capital, uma casa na avenida Venâncio Aires, atrás da Escola de Cadetes.

As fotos da época mostram um menino triste, ressentido de uma escola repressora e de um jardim de infância onde era sempre excluído da bandinha porque não queria tocar o que dona Maria Bockorne pedia. “Eu queria inventar, esse era o problema”, comenta hoje, entre um gole e outro de chimarrão. Mas a adolescência se mostraria prodigiosa e muito feliz: “Talvez por isso eu tenha sido um ótimo professor de adolescentes, quando trabalhei durante 13 anos no Instituto Educacional João XXIII”, serve mais um mate e volta a lembrar.



ANDREA HOFSTAETTER

# A história e o prazer de conhecer

FLÁVIO OLIVEIRA. Contar a vida deste instrumentista e compositor gaúcho, que trabalhou na Rádio da Universidade durante 33 anos é como narrar a história de um velho amigo que de pronto se faz acessível e fala de tudo que tem vivido, como quem relata um filme imperdível. “Sou um sexagenário produtivo que gosta muito de interagir, conversar ... um romântico que adora gente.”

Uma entrevista com descrições precisas; memória fantástica para nomes; alguns engasgos; risadas longas e paradas pontuais para traçar perfis psicológicos, relembrar as ausências da ditadura e lamentar o que a história deixa de registrar. Ele próprio diz que vai fazer a sua parte, escrevendo fatos que apenas um livro comporta: “Aprendi a perceber que tudo que parece muito normal é sempre muito estranho. Que devemos perguntar sempre o porquê das coisas”.

Mas enquanto o livro não vem, há muito o que contar do pai de Mariana, que tem dez anos e mora com a mãe e, quando está com o pai, experimenta a culinária paterna, habilidade que Flávio herdou de dona Ivalda. Atualmente, ele, a esposa Andréa Hofstaetter e os enteados Matheus e Artur moram em Estância Velha, num bairro chamado Encosta do Sol. Além dos muitos livros, da parafernália de estúdio e das peças construídas por Andréa que é mestre em artes visuais, o espaço é dividido com Chepa, Frodo e Tigrinha, dois vira-latas simpáticos e uma gatinha - “os denegues da Mariana e do pai dela”.

Neste ano, Flávio recebeu o Prêmio Açorianos pela trilha sonora de *Mulheres insones*, espetáculo baseado nos personagens femininos de Nelson Rodrigues. Em 2002, o CD *Tudo muda: a música de Flávio Oliveira*, recebeu dois Prêmios Açorianos: melhor CD erudito e compositor erudito. Durante a cerimônia de entrega da premiação do Açorianos deste ano, Flávio lembrou que faz 40 anos que realizou seu primeiro trabalho para teatro quando, em 1966, compôs a música para a estréia mundial de *Qorpo Santo*, na montagem

de Antônio Carlos Senna, em Porto Alegre. Flávio recebeu dois prêmios estaduais e um nacional pela música. Recentemente, esteve no Rio de Janeiro para ouvir a interpretação de uma de suas composições durante a 17ª Bienal de Música Contemporânea, da qual participou na comissão de seleção das obras.

**O primeiro piano** – Era um daqueles passeios que Flávio fazia com a mãe à casa da tia Maria Pacheco. Como sempre, ficava fascinado com aquela mulher lindíssima de olhar perdido. Ela morava em uma casa bastante comum à época, na Rua do Parque. Logo à entrada, havia uma saleta com uma janelinha, seguida de um corredor até a cozinha e uma escada de acesso ao segundo piso. “Foi lá que descobri um piano preto, igual ao do Instituto de Educação, onde participava do coro.”

Flávio estava com nove anos e, pela primeira vez, alguém o deixava chegar perto de um piano. Enquanto as mulheres conversavam, ele começou a experimentar de ouvido uma série de melodias. Em instantes, já estava tocando *Asa Branca*. Mesmo que para a mãe e a tia tenha sido apenas curioso um menino tocando por conta própria, Flávio soube naquela hora que haveria de aprender a tocar piano. Daquele dia em diante passou a atormentar os pais até que passou a estudar com Zuleika de Araújo Vianna, prima de sua mãe e professora de música e canto que exibia o maior orgulho de ter na linhagem nomes como José de Araújo Vianna, compositor de quem Flávio resgataria a obra anos adiante.

Foi um bom início, mas, aos 16 anos, Flávio percebeu que o mundo musical era um pouco maior. Mesmo contrariando sua tia Zuleika, participou em 1961 do *II Seminário Sulrio-grandense de Música*. O contato com músicos de outros países e suas performances, representou um novo marco na trajetória musical do adolescente. Passou a realizar seminários e viagens para estudar com diferentes músicos. Logo estava trabalhando para pagar tais investimentos. Durante um

tempo auxiliou seu tio fotógrafo e, já com 20 anos, fazia de tudo na rádio Difusora, de comerciais até substituição de locutor de notícias.

**Anos 70** – Desde os 18 anos, Flávio compunha para teatro e já estava desenvolvido musicalmente quando decidiu voltar aos estudos e fazer o ensino superior. Por isso, sua exigência ia além de aulas tradicionais. Somado a esta pré-disposição, havia o clima e os resultados de um país em ditadura, com professores brilhantes sendo afastados, empobrecendo os cursos. “O ar era tão denso, que se tu passasses uma tesoura, caía pros dois lados”, comenta Flávio, referindo-se a 1963 quando fez vestibular para a nascente escola de música da Universidade de Santa Maria.

Mas o interesse pelo curso durou apenas seis meses. “Naqueles tempos, já estava em andamento o golpe militar e mesmo em Santa Maria, a tensão entre os estudantes de direita e de esquerda era forte. O próprio reitor Mariano da Rocha falava com a gente, com sua fala macia e sedutora para ver se trazia para ‘os seus projetos’ os caras de esquerda que considerava aproveitáveis... Era um clima...”. Desistiu do curso e voltou para Porto Alegre.

De volta à capital, passou no vestibular do Instituto de Letras da UFRGS, em 64. Sempre gostou de estudar línguas, hoje é fluente no inglês e no francês e lê o alemão e o italiano, mas seu interesse em Letras era aprofundar os conhecimentos de latim e grego, “indispensáveis para quem faz música”. Dois anos depois, entrou no Instituto de Artes, onde ficaria por pouco tempo. Era 1970, Flávio atuava no movimento estudantil e no início do semestre foi informado de que não poderia renovar a matrícula em função de uma lei criada pelo governo militar. “A gente trazia sonhos do futuro, de dias melhores, e, de repente, entramos na universidade, tem o golpe militar, e a vida fica branco e preto. Era o medo e ninguém fala mais nisso.” Anos depois, formou-se em grego e português no curso de Letras da UFRGS.

MÁRIO SÁ BRITO/ARQUIVO PESSOAL



Flávio aos sete anos, no monumento a Júlio de Castilhos, na Praça da Matriz

## O menino e a rádio

1964 TAMBÉM FOI O ANO EM que Flávio Oliveira começou a produzir programas na Rádio da Universidade, e aprendeu a fazer sonoplastia para teatro com o operador Aníbal Damaceno Ferreira - “modesto operador, mas um grande intelectual. Foi nosso mentor”. Mas “um cara importantíssimo na minha vida foi Carlos Scarinci, foi ele quem me levou para a rádio”. Passados os duros anos iniciais da ditadura, Flávio recorda com orgulho o centro de debates em que se transformou a rádio da UFRGS, no início da década de 70. Foram entrevistadas figuras como Aníbal Machado e João Cabral de Melo Neto. Ele próprio fez um programa com Wesley Duke Lee.

Flávio trabalhou com carteira

assinada até 1972 quando pediu demissão. Anos depois, viria a deparar-se com uma frase no mural da Rádio que reflete exatamente aquele sentimento que o fez demitir-se da rádio pela primeira vez: “Outrora, os melhores pensavam pelos idiotas; hoje, os idiotas pensam pelos melhores. Criou-se uma situação trágica ou o sujeito se submete ao idiota ou o idiota o extermina” - Nelson Rodrigues.

O afastamento, entretanto, não se dá inteiramente, nem é definitivo. Ele retorna à rádio em 1984 quando abre uma vaga para técnico em assuntos educacionais, e aposenta-se em 2003, após 33 anos de trabalho intenso e apaixonado. “Sempre confundi muito lazer com trabalho.”



# Itapuã

Para entrar no **Parque Estadual de Itapuã** é necessário pagar um ingresso no valor de R\$ 3,95 (por pessoa, para cada praia a ser visitada). O horário de funcionamento é das 9h às 18h, entre quarta-feira e domingo, inclusive nos feriados. Os ingressos podem ser adquiridos antecipadamente na Sema (rua Carlos Chagas, 55 – Centro), ou no próprio parque. Informações pelo telefone 3494-8083.

TEXTO **FLÁVIO DUTRA**

Com a proximidade do verão, aumentam as saídas dos porto-alegrenses para as praias do Litoral Norte em busca de climas mais amenos para temporadas de lazer e descanso. Porém, na região metropolitana, existe uma área que reúne algumas das mais belas paisagens gaúchas, o Parque Estadual de Itapuã.

Localizado a apenas 57 quilômetros da capital, o Parque teve sua área protegida por um decreto de 1973 e está profundamente ligado às primeiras lutas ambientalistas relacionadas ao trabalho de, entre outros, José Lutzenberger. Hoje, é modelo de planejamento, estrutura e organização quando se trata de unidades de conservação no Rio Grande do Sul. Além disso, tem características de patrimônio ambiental, constituindo-se na última amostra dos ambientes originais da região metropolitana. Como patrimônio histórico, conserva traços arqueológicos dos primeiros habitantes da região, dos imigrantes europeus (açorianos) e vestígios da Guerra dos Farrapos, quando a área foi ponto estratégico no combate entre farroupilhas e federalistas pelo domínio da capital. O farol de Itapuã, construído em 1860, até hoje orienta embarcações em trânsito entre a Laguna dos Patos e o Guaíba.

Os 5.566 hectares do Parque apresentam praias, lagos, campos, restingas, dunas e morros graníticos, povoados por animais e plantas, com um número significativo de espécies raras e ameaçadas de extinção. São seis praias ao longo do Lago Guaíba – Pombas, Pedreira, Onça, Araçá, Sítio e Prainha; e duas banhadas pela Laguna dos Patos – Praia do Tigre e de Fora. Destas, estão liberadas para banho as praias das Pombas, de Fora e da Pedreira (as outras são áreas reservadas para pesquisa e proteção).

As fotos desta página são de **Clara Bica** (foto à esquerda) e **Bete Rocha** (demais fotos), respectivamente professoras do Instituto de Química e do Departamento de Bioquímica da UFRGS. Fazem parte de exposição apresentada no Centro de Visitantes do Parque, fruto de um trabalho conjunto entre a Secretaria do Meio Ambiente (Sema) e os fotógrafos do grupo Projeto Contato. Outras imagens podem ser vistas em [www.projetocontato.com/projetos/itapua2006.html](http://www.projetocontato.com/projetos/itapua2006.html).

